

UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA – UNIARA

Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação.

JOÃO VICTOR MARTINS MANZATO

A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ARARAQUARA - SP

2025

JOÃO VICTOR MARTINS MANZATO

A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA – como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre (a) em Processos de Ensino, Gestão e Inovação.

Linha de pesquisa: Processos de ensino

Orientação: Profa. Dra. Luciana Maria Giovanni

ARARAQUARA - SP

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

M252d Manzato, João Victor Martins

A docência masculina na educação infantil/João Victor Martins
Manzato. – Araraquara: Universidade de Araraquara, 2025.
79f.

Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-graduação em Processos
de Ensino, Gestão e Inovação - Universidade de Araraquara-UNIARA

Orientador: Profa. Dra. Luciana Maria Giovanni

1. Professor-homem. 2. Docência masculina. 3. Educação infantil.
I. Título.

CDU 370

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

MANZATO, João Victor Martins. **A Docência Masculina na Educação Infantil. 2025. 79f.**
Dissertação do Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da
Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara-SP. 2025.

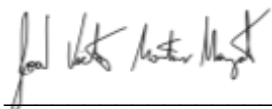
ATESTADO DE AUTORIA E CESSÃO DE DIREITOS

NOME DO AUTOR: João Victor Martins Manzato

TÍTULO DO TRABALHO: A Docência Masculina na Educação Infantil.

TIPO DO TRABALHO/ANO: Dissertação do Programa de Pós-graduação em Processos de
Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA - 2025.

Conforme LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998, o autor declara ser integralmente responsável pelo conteúdo desta dissertação e concede a Universidade de Araraquara permissão para reproduzi-la, bem como emprestá-la ou ainda vender cópias somente para propósitos acadêmicos e científicos. O autor reserva outros direitos de publicação e nenhuma parte desta dissertação pode ser reproduzida sem a sua autorização.



João Victor Martins Manzato

Endereço: Rua Bahia, 420. São Guilherme.

Monte Alto - SP CEP 15910-000

E-mail: jymmanzato@uniara.edu.br



UNIVERSIDADE DE ARARAQUARA - UNIARA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROCESSOS DE ENSINO,
GESTÃO E INOVAÇÃO, ÁREA DE EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA – para obtenção do título de Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação.

Área de Concentração: Educação e Ciências Sociais.

Nome do autor: João Victor Martins Manzato.

Código de aluno: 15023-005

Data: 10 de março de 2025

Título do Trabalho: “A DOCÊNCIA MASCULINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL”

Assinaturas dos Examinadores:

Conceito:

Prof. Dra. Luciana Maria Giovanni (orientadora)
Universidade de Araraquara/UNIARA

(X) Aprovado () Reprovado

Prof. Dra. Dirce Charara Monteiro
Universidade de Araraquara/UNIARA

(X) Aprovado () Reprovado

Prof. Dra. Maria Regina Guarnieri
Universidade Estadual Paulista/UNESP

(X) Aprovado () Reprovado

Versão definitiva revisada pela orientadora em: 02/04/2025.

Prof. Dra. Luciana Maria Giovanni (orientadora)

Dedico este trabalho a mim, pela trajetória de desafios e conquistas que me trouxeram até aqui, e a todos os professores homens que atuam na Educação Infantil. Que esta dissertação seja um reconhecimento do valor de nossos saberes, um incentivo para nossos questionamentos e uma forma de dar voz às nossas experiências do dia a dia. Que cada página deste trabalho contribua para fortalecer a presença masculina na primeira infância e inspire novos caminhos na educação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me conceder força e perseverança para chegar até aqui.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional, pelos ensinamentos e pelo incentivo em cada etapa da minha jornada. Sem vocês, este caminho teria sido muito mais difícil.

Ao meu namorado, por toda ajuda, paciência e encorajamento, sempre ao meu lado nos momentos mais desafiadores.

À minha orientadora, Professora Luciana, por sua dedicação, orientações valiosas e colaboração essencial para o desenvolvimento deste trabalho.

À coordenadora do curso, Dirce, e à secretária, Flaviana, por sempre estarem dispostas a ajudar, tornando essa caminhada mais leve e organizada.

À banca avaliadora, por suas contribuições preciosas, que ajudaram a aprimorar esta dissertação.

Aos meus colegas de turma, pelo companheirismo, pelas trocas de conhecimento e pelo apoio mútuo ao longo do curso.

E um agradecimento especial aos professores, gestores e pais entrevistados, que gentilmente compartilharam suas experiências e saberes, tornando este projeto possível.

A todos que, de alguma forma, fizeram parte dessa trajetória, minha mais sincera gratidão.

“[...] homens certamente estão também introduzindo contradições e ressignificando práticas e comportamentos; estão mostrando que existem 'vocações' masculinas para o ensino e formas de cuidado infantil associadas à masculinidade [...] mas ainda assim, práticas de cuidado.”

(Carvalho, 1998, p. 17)

MANZATO, João Victor Martins. **A Docência Masculina na educação infantil. Dissertação** (Mestrado em Processos de Ensino, Gestão e Inovação) - Araraquara-SP: Universidade de Araraquara, 2025 (Orientação: Profa. Dra. Luciana Maria Giovanni).

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa é investigar percepções sobre professores homens nas escolas de educação infantil e detectar os desafios e resistências encontradas nas escolas de educação infantil. Os objetivos específicos incluem analisar legislação e documentos oficiais sobre: o perfil desses profissionais, critérios de seleção, formação, apoios oferecidos pelas escolas aos professores homens, perspectivas das famílias, professores e gestores sobre a presença masculina na educação infantil. A hipótese norteadora da pesquisa está relacionada à ideia de que os professores homens na educação infantil atribuem significado ao seu papel profissional, com base nas relações que estabelecem, em uma profissão geralmente associada ao feminino. A representação e definição da docência masculina na educação infantil é influenciada por um processo contínuo de resistência e adaptação às expectativas e normas da escola, colegas, superiores, famílias e alunos, delineando fronteiras entre os professores. Este trabalho foi realizado com apoio dos seguintes teóricos: Cardoso (2007), Carvalho (1996 e 1998), Duarte (2012), Falk (2011), Louro (2003), Lüdke e André (1986), Mattos (2011), Perrenoud (2003). Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, realizada por meio da análise de documentos (legislação e documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação e da escola alvo da pesquisa) e entrevistas semiestruturadas com profissionais da escola (2 profissionais da gestão, 3 professores e 2 professoras) e 02 pais de alunos. A pesquisa incluiu ainda análise bibliográfica, construção de instrumentos para coleta de dados (Roteiro para análise de documentos e Roteiros para as entrevistas), e análise dos documentos sobre docência masculina na educação infantil. Os resultados obtidos são apresentados em quadros-síntese de informações e revelam que: a) no que se refere aos documentos analisados, embora as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil cite a necessidade de uma formação “bem estruturada”, nenhum documento fala especificamente sobre como apoiar os professores homens em exercício no início da escolaridade básica, especialmente na construção da identidade profissional para esse contexto; b) da mesma forma, embora os entrevistados não tenham mencionado nenhum acompanhamento específico para tratar diretamente do preconceito de gênero, todos mencionam o tempo de trabalho na escola e a convivência com os demais profissionais da escola e com as famílias como fatores que ajudam muito na adaptação. Ou seja, não há ações específicas voltadas para identificar e enfrentar as situações de discriminação. A maior parte do apoio decorre do tempo que o professor passa na escola e da convivência com a equipe escolar e com os pais; c) confirma-se a hipótese de que o sentido que professores homens atribuem a si próprios como professores de crianças pequenas está ligado às relações que conseguem estabelecer em uma profissão socialmente definida como feminina. Ou seja, as formas de definir a docência masculina na educação infantil se constroem num processo contínuo de resistência e de acomodação às expectativas e normas da escola, dos pares, dos superiores, das famílias e dos próprios alunos, demarcando fronteiras entre professores. A pesquisa destaca ainda a importância de um ambiente escolar mais inclusivo, com formação específica e reflexão sobre o papel dos homens na educação infantil, para desconstruir estereótipos e promover educação e cuidados compartilhados.

Palavras-chave: Professor homem. docência masculina. educação infantil.

MANZATO, João Victor Martins. **The male teaching profession in early childhood education.** Thesis (Master's Degree in Education: Processes of Teaching, Management and Innovation). Araraquara-SP: University of Araraquara - UNIARA, 2025 (Advisor: Luciana Maria Giovanni, PhD).

ABSTRACT

The main objective of this research is to investigate perceptions about male teachers in early childhood education and identify the challenges and resistance they face in this context. The specific objectives include analyzing legislation and official documents regarding these professionals' profile, selection criteria, formation, support provided by schools to male teachers, and the perspectives of families, teachers, and school administrators about the presence of men in early childhood education. The research is guided by the hypothesis that male teachers in early childhood education attribute meaning to their professional role based on the relationships they establish in a profession that is generally associated with women. The representation and definition of male teaching in early childhood education are influenced by a continuous process of resistance and adaptation to the expectations and norms of schools, colleagues, superiors, families, and students, thus delineating boundaries among teachers. This work draws on the theoretical contributions of Cardoso (2007), Carvalho (1996 and 1998), Duarte (2012), Falk (2011), Louro (2003), Lüdke and André (1986), Mattos (2011), and Perrenoud (2003). It is a qualitative study conducted through documental analysis (legislation and official documents from the Municipal Department of Education and the target school) and semi-structured interviews with school professionals (2 administrators, 3 male teachers, and 2 female teachers) and 2 students' parents. The research also includes a bibliographic review, the development of data collection instruments (a document analysis guide and interview scripts), and an analysis of documents concerning male teaching in early childhood education. The findings are presented in summary tables and reveal that: a) Regarding the documents analyzed, although the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education mention the need for "well-structured" teacher education, none of the documents specifically address how to support male teachers working in the early childhood education, especially in constructing a professional identity within this context; b) Similarly, while the interviewees did not mention any specific support measures to directly address gender prejudice, they all highlighted that time spent working in the school and interacting with other professionals and families significantly facilitates adaptation. In other words, there are no specific actions aimed at identifying and addressing discrimination. Most support derives from the time teachers spend in the school and their interactions with the school staff and parents; c) The hypothesis is confirmed: the meaning male teachers attribute to their roles as educators of young children is connected to the relationships they establish within a profession that is socially defined as feminine. In other words, the ways male teaching in early childhood education is defined are shaped through a continuous process of resistance and accommodation to the expectations and norms of schools, peers, superiors, families, and students, creating boundaries among teachers. The research also highlights the importance of fostering a more inclusive school environment, with specific formation and reflection on the role of men in early childhood education, to challenge stereotypes and promote shared education and care responsibilities.

Keywords: Male teacher. male teaching profession. early childhood education.

RELAÇÃO DE QUADROS

Quadro 1 - O que diz a legislação	42
Quadro 2 - Quem são os sujeitos de pesquisa: professores / professoras / gestores e pais	58
Quadro 3: Visão sobre a docência masculina na educação infantil	63

RELAÇÃO DE TABELAS

TABELA 1 - Número de pesquisas selecionadas	31
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Perfil acadêmico do pesquisador	11
1.2 Foco / origem do interesse pelo tema de pesquisa	12
1.3 A PESQUISA REALIZADA	13
1.3.1 Problema / Questões de Pesquisa / Inquietações	13
1.4 Objetivos da pesquisa	13
1.4.1 Objetivo geral	13
1.4.2 Objetivos específicos	13
1.5 Hipótese	14
1.6 Metodologia, procedimentos e etapas da pesquisa	14
1.7 Procedimentos para análise dos dados e apresentação dos resultados	15
1.8 Contribuições da pesquisa para a melhoria da educação básica	16
1.9 Riscos e benefícios para a escola e os sujeitos da pesquisa	16
1.10 Comitê de ética	18
2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO INICIAL	19
2.1 No Banco de Teses e Dissertações da Capes	20
2.2 Na base de pesquisa SciELO	28
2.3 No Banco de Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação (PPGPEGI) da Universidade de Araraquara – UNIARA	30
2.4 Considerações sobre o mapeamento bibliográfico	31
3 APOIOS TEÓRICOS	33
3.1 O trabalho docente na educação infantil e suas especificidades	33
3.2 Gênero e docência na educação infantil	36
4 A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL SEGUNDO A LEGISLAÇÃO	40
4.1 O que propõem os documentos oficiais sobre a docência na educação infantil no Brasil	42
5 RESULTADOS OBTIDOS E ALGUMAS DISCUSSÕES	58
5.1 Quem são os sujeitos da pesquisa	58
5.2 Que dizem os sujeitos entrevistados	63
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	
APÊNDICE A: Roteiro para análise de documentos	
APÊNDICE B: Roteiro para entrevista com professores homens que atuam na educação infantil	
APÊNDICE C: Roteiro para entrevista com professoras que atuam na educação infantil	
APÊNDICE D: Roteiro para entrevista com profissionais gestores de escola de educação infantil	
APÊNDICE E: Roteiro para entrevista pais de alunos / responsáveis de alunos de educação infantil	

1 INTRODUÇÃO

1.1 Perfil acadêmico do pesquisador

Meu nome é João Victor Martins Manzato e moro na cidade de Monte Alto – SP. Atualmente trabalho 20h semanais como Recreador na Educação Infantil atendendo crianças de 3 a 5 anos, na rede municipal de ensino.

Em 2016, através do Programa Universidade Para Todos (PROUNI), ingressei na Faculdade de Educação de Educação São Luís (FESL), localizada na cidade de Jaboticabal-SP, onde fiz o curso de graduação em Pedagogia (licenciatura) concluído em 2018.

Ao final da graduação, meu TCC ganhou o seguinte título: “O(s) sentido(s) das construções de gênero e de sexualidade no contexto escolar” e foi orientado pela Prof.^a Dr.^a Fabiana Cristina de Souza Stesse.

Em 2020 realizei curso em nível de especialização sobre Neuropsicopedagogia Institucional pela Faculdade dos Vales Elvira Dayrell (FAVED) e o TCC recebeu o título seguinte: “Gênero, Sexualidade e a Neuropsicopedagogia no Contexto Educacional”, concluído em 2021 e orientado pela Prof.^a. Heloá Yara Ribeiro Rodrigues. Também em 2020 fiz um segundo curso em nível de especialização sobre História e Cultura Afro-brasileira, através da Faculdade de Educação São Luís (FESL) e o título do artigo científico produzido ao final do curso foi: “Algumas Observações Sobre o Ensino Afro-Brasileiro e Indígena no Brasil”, com a Prof.^a. M.^a. Maria do Carmo Iroshi Coelho como minha orientadora.

Em 2016 realizei atividades voluntárias na APAE de Monte Alto e, a partir deste mesmo ano, iniciei meus trabalhos na Rede Municipal de Ensino de Monte Alto -SP. Entre os anos de 2016 e 2018 fui estagiário na área da educação, em 2019 fui professor substituto, de 2020 a 2021 fui professor de educação infantil e recriador infantil. Em 2022 fui professor no Projeto de Centro de Recreação Municipal (Projeto CEREM), atuando com crianças do 4º e 5º ano do ensino fundamental no contraturno do ensino regular e realizava com eles as tarefas (de casa), trabalhava com músicas, teatro, plantio, trabalhos manuais, pinturas de telas, exposições, reforçava o ensino das quatro operações básicas da matemática e o ensino da escrita, análise e produção textual. E, finalmente, no ano de 2023, me tornei professor em grupo de estudos, neste grupo o trabalho era voltado para a criança com dificuldade de aprendizagem na leitura, escrita, ortografia, no reconhecimento de letras e números, na efetivação das quatro operações básicas da matemática, como também na interpretação de texto e de situações problemas. No turno da tarde eu atuava (e continuo atuando até hoje) na recreação infantil, realizando atividades com crianças de 3 a 5 anos, que consiste em retirar as crianças das salas regulares de

ensino e levá-las para um espaço diferente, onde realizamos atividades mais recreativas, como: o uso do parquinho, músicas e danças, brincadeiras, circuitos motores, histórias, jogos; são atividades que envolvem interações, partilha, coordenação motora, psicomotricidade, ludicidade etc.

1.2 Foco / origem do interesse pelo tema de pesquisa

Ao longo de minha caminhada como docente, passei por exatamente 15 Escolas Municipais de Educação Básica de Monte Alto SP, sendo que 8 delas eram da educação infantil. Nesse percurso, pude observar que a presença masculina na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental não é bem-vista por grande parte da equipe e da comunidade escolar, pois foram observados olhares de estranhamento, questionamentos sobre a escolha de profissão, sugestões para estudar mais e seguir outra carreira, orientação para não levar as crianças ao banheiro (principalmente as meninas). Ações como amarrar o cabelo de meninas ou botões soltos são mal vistas (no caso das meninas), fechar a porta da sala de aula, por exemplo, pode ser um problema.

Em se tratando de assuntos de namoro, músicas que falam de beijo e abraços, as minhas interferências tinham que ser bem cautelosas para as crianças não distorcerem ou inventarem outras coisas em casa ou na própria escola.

Esse passou a ser o meu interesse de pesquisa: analisar os diferentes aspectos relacionados à docência masculina na educação infantil. E buscar respostas para as seguintes perguntas: O que tem sido feito? Quais as condutas na escola em geral? O professor teve acompanhamento ou apoio para lidar com acontecimentos específicos? Toda a equipe está preparada para identificar e enfrentar qualquer tipo de situação discriminatória?

1.3 A Pesquisa realizada

1.3.1 Problema / Questões de Pesquisa / Inquietações

O conjunto de leituras realizadas ao longo da pesquisa (apresentado nas diferentes seções que compõem esta Dissertação: levantamento bibliográfico, apoios teóricos, legislação) permite pôr em destaque o desenho da pesquisa, começando pelas **perguntas norteadoras** que sintetizam o problema central da Pesquisa:

- a) Que dizem professores (homens e mulheres), os gestores e família de alunos da escola alvo da pesquisa, sobre a docência masculina na educação infantil?
- b) O que propõem os documentos oficiais (legislação específica / documentação da Secretaria municipal de educação e da escola alvo da pesquisa) sobre a docência na educação infantil: perfil do/a profissional para a docência / critérios para seleção e recrutamento específico para educação infantil?
- c) O que esses documentos preveem sobre formação continuada e outros apoios aos professores em geral e, especificamente, aos professores homens na educação infantil?

1.4 Objetivos da pesquisa

1.4.1 Objetivo geral:

Investigar percepções sobre professores homens nas escolas de educação infantil e detectar os desafios e resistências encontradas nas escolas de educação infantil.

1.4.2 Objetivos específicos:

- a) Investigar o que propõem os documentos oficiais (em âmbito federal e nos âmbitos locais da Secretaria Municipal de Educação e da unidade escolar alvo da pesquisa) sobre a docência na educação infantil: perfil do/a profissional para a docência / critérios para seleção e recrutamento para a docência na educação infantil e, em especial, sobre professores homens na educação infantil.
- b) Identificar o que diz a legislação específica e os documentos oficiais (da Secretaria Municipal de Educação e da escola alvo da pesquisa sobre formação inicial e continuada de professores para atuar nesse momento inicial da escolaridade básica;
- c) Investigar o que as escolas têm feito para apoiar os professores homens em exercício na educação infantil;
- d) Identificar o que famílias, professores e equipe gestora dizem sobre a presença de professores homens na educação.

1.5 Hipótese

O sentido que professores homens atribuem a si próprios como professores de crianças pequenas está ligado às relações que conseguem estabelecer em uma profissão socialmente definida como feminina. As formas de definir a docência masculina na educação infantil se constroem num processo contínuo de resistência e de acomodação às expectativas e normas da escola, dos pares, dos superiores, das famílias e dos próprios alunos, demarcando fronteiras entre professores.

1.6 Metodologia, procedimentos e etapas da pesquisa

Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, documental e de campo, realizada por meio de análise de: análise de documentos (legislação e documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação) e de entrevistas semiestruturadas com profissionais de escolas de educação infantil (3 professores, 2 professoras e 2 gestores) e 2 pais de alunos.

A pesquisa de natureza qualitativa envolve, segundo Lüdke e André (1986), o contato direto do pesquisador com o ambiente e os sujeitos envolvidos na realidade a ser pesquisada.

Assim, esta pesquisa compreendeu:

- a) A **análise bibliográfica** referente à temática da pesquisa: pesquisas e trabalhos teóricos que caracterizam e analisam o trabalho docente na escola de educação infantil e identificam o que o campo educacional tem produzido ou não em relação à docência masculina na educação infantil;
- b) Construção e teste de instrumentos para coleta de dados: **Roteiro para análise de documentos (Apêndice A)** e **Roteiros para as entrevistas** com os diferentes agentes (3 professores, 2 professoras e 2 gestores) e 2 pais de alunos. (ver Apêndice B, C e D);
- c) **Localização, apresentação e análise dos documentos** (legislação federal e documentos oficiais da Secretaria Municipal de Educação e de escolas de educação infantil) referentes à docência masculina na educação infantil;
- d) **Localização, contatos, agendamento e realização de entrevistas** com os 3 professores, 2 professoras, 2 gestores e 2 famílias de alunos da educação infantil. Todos escolhidos aleatoriamente, cuja seleção e número de entrevistados se deu conforme o consentimento e concordância deles em participar da pesquisa. Foram entrevistados 3 professores, 2 professoras, 2 gestores e 2 pais de alunos – todos pertencentes a escolas de uma rede de ensino municipal de cidade de pequeno porte do interior do estado de São Paulo. Todos os sujeitos da pesquisa entrevistados assinaram, previamente, Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

- e) As entrevistas foram realizadas individualmente ou em duplas (de acordo com a disponibilidade de data e horário de cada entrevistado), de forma *online*. Para registro das entrevistas foi usada apenas a gravação em áudio, quando presencial e com o consentimento dos participantes, ou a gravação da reunião remota, também com o consentimento dos sujeitos participantes.
- f) **A apresentação** (em forma de quadros síntese de informações) **e a análise dos dados** coletados por meio das entrevistas foram realizadas com base nas questões, objetivos e hipótese de pesquisa, nos apoios teóricos e no confronto com resultados de outras pesquisas já realizadas, tomando-se o cuidado de usar números para fazer referência aos sujeitos da pesquisa (3 professores, 2 professoras, 2 profissionais da gestão e 2 famílias de alunos da educação infantil (representadas por um pai e uma mãe) e evitando mencionar nomes de instituições e do próprio município.

A **análise documental**, segundo Giovanni (1999), permite utilizar diferentes tipos de materiais escritos ou orais, que possam ser utilizados como fontes de informações sobre o universo escolar, seu cotidiano, atores, contexto, ideias, valores e práticas – por meio dos seguintes passos: **a)** localizar e selecionar tais documentos; **b)** construir roteiro para análise dos documentos (ver Roteiro no **Apêndice A**); **c)** realizar sua caracterização e **d)** organizar síntese das informações obtidas.

Já as **entrevistas semiestruturadas** são, segundo Giovanni (2009), estratégias de interação verbal entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, que incluem relatos verbais orais sobre percepções, sentimentos, motivações, razões, memórias. Para tanto foi elaborado e testado o **roteiro de entrevista** – por meio dos seguintes passos, conforme propõe Giovanni (2009): **a)** listagem de tópicos e primeiro esboço (com base nas leituras realizadas e nas questões, objetivos e hipóteses da pesquisa); **b)** primeira versão da entrevista e leitura por juiz (pesquisador experiente da área – a orientadora); **c)** reexame e revisão das questões; **d)** teste prévio com respondente com características semelhantes, mas não pertencente ao grupo amostral, **e)** novo ajuste das questões e versão final do Roteiro de entrevista.

1.7 Procedimentos para análise dos dados e apresentação dos resultados

Para Giovanni (1998), o trabalho de organização e análise dos dados e de apresentação dos resultados representa “[...] a percepção do que é relevante, pertinente ou não em todo o material coletado”. Para a autora, esse trabalho inclui as seguintes etapas: a) organizar todo o material, dividi-lo em partes, mapeando e identificando as informações principais em cada fonte de dados; b) perceber as relações entre as diferentes fontes de dados, entre elas e os resultados

de outros estudos e entre elas e os apoios teóricos utilizados; c) realizar o esforço de, progressivamente, responder às questões de pesquisa, objetivos e hipótese; e d) apresentar os resultados em quadros-síntese de informações ou outro tipo de representação gráfica (tabelas, esquemas) para melhor compreensão das ideias envolvidas.

1.8 Contribuições da pesquisa para a melhoria da educação básica

A partir deste estudo em razão da transversalidade da temática, espera-se contribuir com os diferentes profissionais da docência no sentido de enfatizar a importância da refletir sobre as questões de gênero na docência da educação, cujas práticas e concepções podem ser comprometidas sem o enfrentamento das questões sociais e culturais decorrentes da feminização do magistério nos anos iniciais da escola básica.

Espera-se ainda, mais especificamente, obter subsídios que proporcionem o enfrentamento de preconceitos e discriminações nas escolas, possibilitando às mesmas se tornarem ambientes onde o convívio entre seus atores seja marcado pela harmonia, respeito e valorização das diferenças que enriquecem nossa sociedade.

1.9 Riscos e benefícios para a escola e os sujeitos da pesquisa

Foram previstos **benefícios** importantes, tanto para a instituição, quanto para os professores e famílias envolvidos na pesquisa:

- a pesquisa permitiu aos diferentes sujeitos falarem sobre o processo escolar vivido, percepções e reconhecimento de possíveis situações de discriminações;
- a rede de ensino pôde ter disponíveis informações específicas sobre o projeto de pesquisa e seus resultados, por meio das percepções dos principais agentes envolvidos nesse processo: professores, gestores e famílias;
- tendo em vista, principalmente a importância do trabalho pedagógico realizado na educação infantil, este estudo pôde contribuir para produção de conhecimento em relação aos aspectos em estudo, trazendo melhoria das relações intraescolares e práticas profissionais comprometidas com o respeito às diferenças e o combate a todo tipo de discriminação no espaço escolar.

Quanto aos **riscos**, previu-se a possibilidade de as manifestações dos sujeitos expressarem críticas a situações e práticas nas escolas – o que poderia gerar desconfortos entre os sujeitos. Nesse caso, as **medidas necessárias para prevenir tais riscos** foram:

- deixar claro que a intenção da pesquisa **não era avaliar os sujeitos**, mas sim ajudar os diferentes segmentos (professores / professoras / gestores / famílias) a reconhecerem, analisarem e compreenderem possíveis situações de preconceito e discriminação, suas

motivações e características, conscientizando tais agentes e pondo em destaque a importância dos aspectos formativos envolvidos;

- usar uma linguagem que orientasse a atenção dos agentes para ações formativas decorrentes da compreensão dessas situações, suas características e intenções;
- chamar a atenção para o **fortalecimento da identidade de professor/a de educação infantil, independentemente de gênero**, cuja compreensão confere a todos os envolvidos: conhecimento sobre o tema, afirmação de identidade para o trabalho na educação infantil.

1.10 Comitê de ética

A avaliação dos aspectos éticos da pesquisa, conforme estabelece o Regimento do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Araraquara – UNIARA é de responsabilidade de todos os agentes envolvidos na pesquisa (pesquisador principal, orientador e Colegiados da Instituição de origem da pesquisa). De acordo com isso, este Projeto atendeu aos procedimentos previstos pelo Comitê de Ética e sua inserção na Plataforma Brasil. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa da UNIARA, recebendo o parecer de número 7.075.077.

Finalmente resta acrescentar que este Relatório está organizado em 06 seções: a primeira se refere a esta Introdução com apresentação do perfil do pesquisador e com o desenho da pesquisa realizada, incluindo: questões norteadoras, objetivos, hipótese, procedimentos metodológicos e cronograma da pesquisa; a segunda apresenta o levantamento bibliográfico inicialmente realizado; a terceira sintetiza as leituras dos autores tomados como apoios teóricos para a pesquisa; a quarta parte traz uma visão geral da educação infantil no Brasil, segundo a legislação; a quinta seção organiza e apresenta os dados coletados e a sexta seção traz as considerações finais, seguidas das Referências e dos Apêndices.

2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO INICIAL

O mapeamento bibliográfico inicial foi realizado com dois (2) objetivos centrais, no caso: **a)** identificar o que o campo educacional tem produzido em relação à minha inquietação inicial e **b)** identificar o que o campo educacional não tem produzido em relação à minha inquietação inicial.

Para tanto foram selecionadas três (3) palavras-chave que inicialmente sugerem proximidade, relação ou possíveis contribuições para minha inquietação inicial, são elas: *professor homem na educação infantil*, *presença masculina na educação infantil* e *homem professor polivalente*.

Nos últimos anos, diversas pesquisas têm se debruçado sobre a presença e atuação de professores homens na Educação Infantil no Brasil, um campo historicamente feminizado e repleto de desafios sociais, culturais e profissionais. Esses estudos revelam uma trajetória marcada por preconceitos, estereótipos de gênero e a necessidade de constante reafirmação das capacidades desses profissionais no cuidado e educação de crianças pequenas. Apesar dessas dificuldades, as pesquisas destacam as potencialidades da presença masculina, tanto na desconstrução de barreiras culturais como na ampliação de debates sobre equidade de gênero no ambiente escolar. As produções acadêmicas mapeadas trazem contribuições significativas ao abordar temas como a divisão sexual do trabalho, as percepções de gestores e famílias, e as práticas pedagógicas desses docentes, apontando para a urgência de ações e reflexões que promovam a inclusão e o reconhecimento desses profissionais no universo da Educação Infantil.

Esse mapeamento foi realizado, com pesquisas realizadas entre os anos de 2013 a 2024, em três bases de dados:

- a)** Banco de Teses e Dissertações da Capes
- b)** A Biblioteca *Scielo*
- c)** O Banco de Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação (PPGPEGI) da Universidade de Araraquara – UNIARA

Os **critérios de seleção (inclusão e exclusão) das pesquisas** referem-se à relação dos títulos e resumos das pesquisas cujo tema central da pesquisa fizesse referência específica ao Professor Homem na Educação Infantil.

2.1 No Banco de Teses e Dissertações da CAPES

Palavra-chave: Professor homem na educação infantil

Com a utilização da palavra-chave “professor homem na educação infantil”, em sua expressão exata, foram identificadas inicialmente **86 produções** e após a leitura dos títulos e dos resumos foram selecionadas **5 produções**, sendo todas no nível de mestrado, com as seguintes datas e quantidades: 1 pesquisa em 2015, 1 pesquisa em 2019 e 3 pesquisas em 2020, cujas informações dos resumos são apresentadas a seguir¹.

BONIFACIO (2019):

A presente pesquisa vinculada ao PPGEd da UFSCar – campus Sorocaba, desenvolvida com o apoio do NEPEN (Núcleo de estudos e pesquisa sobre narrativas educativas, formação e trabalho docente), tem como objetivo principal: “Apontar achados, potencialidades e fragilidades da profissionalização do docente masculino (DM) que atua na Educação Infantil (EI)”. Para tanto apoia-se na seguinte problemática: “Como é constituída a profissionalização do docente masculino que atua na Educação Infantil (DMEI)?” De natureza qualitativa e de metodologia de Revisão de Literatura, a dissertação é organizada em formato multipaper, composta pela apresentação, dois artigos e considerações finais. Além disso, esta pesquisa tem suas bases teóricas em autores do campo da educação, os quais também fundamentam as análises. O referencial teórico reporta-se à discussão sobre percepções acerca do DMEI e aos trabalhos acerca das pesquisas científicas sobre o tema tais como: Apple (1988, 1995), Sayão (2005), Demartini e Antunes (1993), Kuhlmann Jr. (2000, 2010), Louro (1997, 2010, 2011), Hooks (2013) e Gambirasio (2005). Desenvolveu-se, portanto, uma investigação na perspectiva da pesquisa teórica direcionada pelas questões anunciadas. Com este intuito apresenta-se inicialmente aspectos relevantes sobre a atuação destes profissionais, obtidos a partir do mapeamento das pesquisas acadêmicas brasileiras sobre o cotidiano destes no período de 2008 a 2017, proporcionando uma visão geral das produções. Esta busca foi realizada a partir do banco da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), com a combinação dos descritores “DM” e “EI”. E, posteriormente, no banco da CAPES, com os descritores “Professor homem” e “EI”, compondo o corpus de análise com 17 pesquisas. A partir de um mapeamento relativo às pesquisas acadêmicas brasileiras sobre a atuação dos DMEI, ou seja, do professor que ensina crianças em tenra idade, foi possível analisar as práticas a partir dos contextos e suas características, promovendo uma visão ampliada das informações identificadas em tais pesquisas. Os resultados obtidos a partir do mapeamento das pesquisas e da problematização da feminização do magistério, indicam que existe um número reduzido de pesquisas sobre o DMEI, além de um amálgama de atravessamentos sociais, históricos e culturais.

FAVARO (2020):

A educação infantil permanece como uma etapa da educação muito aliada à figura feminina, principalmente pelo entendimento, durante muito tempo na sociedade, de que as mulheres teriam as características biológicas necessárias para essa função, pensamento justificado principalmente pela crença no instinto materno. Em contrapartida, a ideia de ter um professor homem realizando cuidados

¹ As informações a seguir foram transcritas, tal como aparecem nos resumos das pesquisas selecionadas.

corporais nas crianças pequenas ainda hoje é motivo de grande estranhamento e preocupação na sociedade. Considerando isso, o presente estudo buscou analisar, na ótica dos professores do sexo masculino atuantes na educação infantil, as suas trajetórias, as expectativas e desafios referentes à profissão por eles escolhida, de forma criar subsídios para desconstrução da ideia de “divisão sexual do trabalho” e o ato de “cuidar” como algo inerente apenas ao gênero feminino. Para a construção desse estudo foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo, por meio de entrevistas semiestruturadas uma roda de conversa com três professores homens que atuavam na rede pública de educação infantil de um município do interior do estado de São Paulo. Após a coleta dos dados, as entrevistas foram agrupadas, tratadas e analisadas em categorias de análise. Através das análises e do suporte teórico que as nortearam, verificou-se que a presença do professor do sexo masculino no espaço escolar, ainda gera certo estranhamento e medo, uma vez que as famílias assim como alguns membros da comunidade escolar sentem receio do trabalho desses professores para com as crianças. A pesquisa apontou que esses professores no cotidiano da escola, em ações de ensino aprendizagem e cuidado, precisaram provar de maneira muito exacerbada sua capacidade para o trabalho, pois muitas vezes tinham sua aptidão profissional contestada, principalmente no trabalho com crianças muito pequenas. Diante das análises e resultados revelados espera-se que o estudo possa contribuir para que os homens como professores no ensino infantil, tenha cada vez mais espaço de atuação no âmbito escolar, social, científico e acadêmico, superando o estranhamento que o trabalho pedagógico de ser professor de educação infantil causa em toda a comunidade escolar, de forma a possibilitar instrumentos de desconstrução da educação infantil como somente ser uma profissão feminina.

RAMOS (2020):

O presente trabalho, inscrito na linha de pesquisa Educação, Sociedade e Cultura, do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Goiás, tem por objetivo o estudo sobre a presença e o trabalho do homem na Educação Infantil. Toma como ponto de partida as tensões e dilemas do trabalho de professores e auxiliares de atividades educativas nos Centros Municipais de Educação Infantil de Goiânia e Aparecida de Goiânia. As categorias de estudo deste trabalho partiram da compreensão de trabalho, do trabalho docente, do gênero e da infância. A partir dos pressupostos do Materialismo Histórico-dialético, essas categorias permearam a análise dos dados de forma a conceber os fenômenos da natureza e seu método de estudá-los dialeticamente por meio da historicidade e da contradição. Sendo assim, as categorias de análise que emergiram dos resultados do trabalho foram: trabalho, preconceito, estranhamento, medo e não lugar. Construídas à luz de uma sociedade de classe e marginalizadora, buscou-se compreender a dinâmica daquilo que é objetivo (condições de trabalho) e subjetivo (ideologias) presentes na vida social a partir da dialética inclusão x exclusão. Além das contribuições de um estudo crítico para a compreensão das categorias de estudo Marx (1985, 2010), outros autores foram fundamentais para elucidar o debate do tema da docência masculina à luz da igualdade de gênero no campo da Educação Infantil: Carvalho (1999), Carvalho (2011), Freire (1996), Faria *et al.* (2011) Gomes (2013), Louro (1999, 2001, 2007 e 2008), Malaguzzi (2016), Martins Filho (2018, 2020), Pereira (2016), Pincinato (2007), Priori (2018), Sayão (2005), Silva (2014), Sousa (2015); dentre outros. A base metodológica deste estudo fundamentou-se em uma abordagem de pesquisa qualitativa, a fim de dar vez e voz aos homens da/na Educação Infantil. Todavia, como toda voz é polifônica, outros sujeitos (gestores e famílias) foram também ouvidos, pois estão diretamente envolvidos com o cuidado e com a educação das crianças nas instituições públicas em que esses profissionais atuam. Sendo assim, os resultados desta pesquisa partiram do entrecruzamento de duas fontes: de um questionário *online* que obteve a resposta de 54 profissionais homens na Educação Infantil e de entrevistas com 18 sujeitos (06 gestores, 06 pais e 06 profissionais). As entrevistas foram realizadas depois do encerramento do questionário de pesquisa, e os 18 profissionais que participaram das entrevistas também se prontificaram

a responder o questionário. Os resultados encaminham para reflexões que envolvem estereótipos, discriminação, julgamento de valores, medo e desvalorização social do lugar ocupado por esses homens e seu trabalho na Educação Infantil. Outrossim, foram essas reflexões que subsidiaram a construção das categorias: trabalho, preconceito, estranhamento, medo e não lugar.

SANTOS (2020):

A presente pesquisa teve como objetivo analisar o processo de escolha profissional e ingresso de pedagogos homens na Educação Infantil Municipal, na cidade de Campinas – SP. Tomou-se como hipótese inicial a existência de territórios e prescrições desiguais a homens e mulheres que ocupam os mesmos postos de trabalho. Buscou-se questionar se, em uma profissão majoritariamente feminina, a presença da figura masculina garantiria mudanças concretas na dinâmica das relações sociais de sexo, assim como, identificar a existência ou não de fronteiras sexistas entre tarefas ditas masculinas ou femininas. A divisão sexual do trabalho é marco teórico orientador da presente investigação, à medida que auxilia na compreensão sobre possíveis formas de produção e reprodução dos meios de intensificação do trabalho feminino, em detrimento dos lugares previstos aos homens no exercício da docência. A pesquisa, de caráter quantitativo, foi composta de fase documental dedicada à análise dos dados estatísticos disponibilizados pela Prefeitura de Campinas – SP e documentos oficiais que especificam o cargo; a pesquisa de campo, por sua vez, foi realizada junto a professores e professoras da Educação Infantil, com vistas a conhecer as trajetórias de formação desses profissionais e as alterações na organização do trabalho, com o ingresso da figura masculina neste segmento. Os resultados indicaram que a presença da figura masculina surte efeitos contraditórios sobre o cotidiano destes profissionais, pois, ao mesmo tempo que produz tensão e vigilância constantes sobre o professor homem, cria, paradoxalmente, zonas de maior valorização e enaltecimento da força de trabalho masculina. De tal condição, constata-se, resulta a existência de uma dinâmica reprodutora da própria divisão sexual do trabalho no interior da escola que, frente às diferentes suspeitas morais que recaem sobre os homens, reserva a eles lugares de menor exposição, redirecionando parte das responsabilidades a seus pares, que, não arbitrariamente, é composta majoritariamente pela força do trabalho feminino.

TEODORO (2015):

Levando-se em consideração que a educação infantil, historicamente, é um campo de atuação profissional majoritariamente feminino, temos hoje professores homens assumindo essa profissão para si. A partir do histórico da educação infantil e sua constituição enquanto espaço de atendimento especializado para a criança pequena, percebe-se que a construção de sua especificidade reside na relação cuidar/educar/brincar. Esse segmento educacional está inserido num contexto sociopolítico que interfere no trabalho docente a ser realizado pelo profissional que atenderá a essa criança. Assim, o objetivo da pesquisa é analisar as percepções de professores homens que estão na educação infantil sobre a atuação profissional que desempenham em relação à especificidade da educação infantil, que reside na tríade cuidar/educar/brincar; também, na percepção da comunidade em tê-los atuando nesse segmento educacional e se são profissionalmente realizados na profissão que escolheram. Para tanto, realizamos entrevistas semiestruturadas com cinco professores homens que atuam na rede municipal de ensino de uma cidade do interior paulista. As entrevistas foram integralmente gravadas e transcritas. A análise dos dados, que se baseou na abordagem qualitativa de pesquisa, resultou em duas categorias que abarcam: trajetória na educação infantil e o homem e o trabalho pedagógico. Percebemos que esses professores exerciam outras profissões antes da chegada à sala de aula da educação infantil, e entendem o seu papel enquanto promotor do acesso ao conhecimento produzido historicamente pela humanidade. Disseram não encontrar dificuldades em trabalhar em um ambiente predominantemente feminino e que

sentem satisfação no exercício da profissão ao perceberem o desenvolvimento da criança ao longo do ano. Apontam a relação cuidar/educar/brincar como eixo principal da ação profissional e que eles não se separam quando estão trabalhando com a criança. Não pensam em sair da sala de aula e do contato com as crianças da educação infantil. Assim, as análises dão indícios de que, muito mais que uma questão de gênero, o trabalho desenvolvido na educação infantil exige formação profissional bem como compromisso por parte daqueles que atuam nesse segmento.

Palavra-chave: presença masculina na educação infantil

Com a utilização da palavra-chave: “presença masculina na educação infantil” em sua expressão exata, foram identificadas inicialmente: **76.829 produções** – reduzindo-se gradativamente com a utilização dos seguintes filtros:

- Doutorado e Mestrado: **75.106**;
- Anos 2013 a 2024: **1.242**;
- Área de conhecimento / avaliação / educação: **92**.

Após a leitura dos títulos foram selecionadas 8 produções e após a releitura dos títulos e leitura dos resumos foram selecionadas **4 produções**, sendo todas em nível de mestrado, com as seguintes datas e quantidades: 1 pesquisa em 2016, 1 pesquisa em 2017, 1 pesquisa em 2018 e 1 pesquisa em 2019, cujas informações centrais são apresentadas a seguir (também transcritas tal como aparecem nos resumos das pesquisas selecionadas).

FARIA (2018):

A atuação docente com crianças tem sido atribuída majoritariamente às mulheres, isso devido a concepções históricas de que características ditas femininas, associadas principalmente à maternidade, como paciência e abnegação, são mais adequadas para a educação de crianças. Homens em ambiente escolar lecionando para crianças são mais raros e, para muitos, eles não seriam os mais adequados para a tarefa, pois representam a força, a rigidez, entre outros adjetivos. Partindo dessas concepções, a pesquisa buscou elucidar a participação masculina na história da docência com crianças. O *locus* empírico envolveu quatro municípios do extremo sul do estado de Mato Grosso do Sul/Brasil. Ao pesquisar as memórias de 3 professores atualmente aposentados, esse conhecimento pode estimular a reflexão com novos professores, além de contribuir para a construção da história da prática docente, discutindo os estereótipos de gênero na profissão. Para tanto, foi utilizada como recurso a História Oral Temática, com entrevistas foram gravadas em áudio, transcritas e textualizadas, seguindo os procedimentos metodológicos desse campo de estudos. As análises se apoiaram principalmente no referencial teórico das obras de Norbert Elias. Os professores, ao recordarem os motivos que os levaram a trabalhar na docência com crianças, apontaram que esse processo foi parte de uma inserção não planejada, ou como diria Elias, foi um “processo cego”. As memórias desses professores possibilitaram analisar temas como: o trabalho docente, a inserção masculina no magistério, o ambiente das escolas rurais multisseriadas e os modelos pautados em inferências de gênero. Segundo os entrevistados, por serem do sexo masculino e carregarem atributos de gênero marcados por características como fortes, corajosos e ousados, poderiam desempenhar melhor o trabalho nas áreas rurais, enfrentando problemas geográficos, intempéries, longas distâncias e dificuldades naturais do ambiente rural caso surgissem. Sobre os desafios enfrentados na atuação em uma profissão histórica e sexo tipificada como feminina,

ao atuarem afirmaram que não percebiam diferença entre o trabalho de homens e de mulheres. No entanto destacam a vigilância dos pais e familiares, fazendo com que continuamente comprovassem sua competência e confiança para continuar trabalhando com as crianças. Ao analisar as memórias desses professores, foi possível perceber que a responsabilidade da educação das crianças não se reduz a atributos sócio construídos de gênero, mas à capacitação profissional, que, independentemente desses elementos, precisa formar o docente para exercer o seu lugar na educação.

AGUIAR JUNIOR (2017):

Esta dissertação apresenta pesquisa que visa analisar o que acontece nas escolas de educação infantil, em berçários, quando há presença de professores do sexo masculino. Como objetivo o estudo pretendeu reunir elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil, especificamente nas creches, ouvindo os próprios professores em Centros de Educação Infantil na cidade de São Paulo, sobre como percebem seu trabalho no processo de formação dos bebês. A pesquisa procurou ainda traçar o perfil desses profissionais e, com base em documentos oficiais e legislação descrever as condições de ingresso desses profissionais homens nesse espaço profissional, identificando o que a Rede Municipal de Educação tem feito para acolher e inserir esses profissionais nas unidades escolares. Assim, o estudo reúne elementos para definir o perfil desses novos profissionais docentes na educação infantil: os professores de bebês e, especificamente, o professor homem de bebês. Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, realizada por meio de análise documental e de formulários eletrônicos respondidos por 24 profissionais (de um total de 170 professores de Centros de Educação Infantil que trabalham na rede municipal paulistana. Como apoios teóricos são utilizados textos relativos ao trabalho docente e suas especificidades, com a contribuição de Roldão; ao trabalho da e na creche e à atuação dos professores de bebês, com os estudos de Rosemberg, Barbosa e Falk; e às questões sobre gênero e docência na educação infantil, com as contribuições de Apple. Os resultados obtidos (organizados em quadros e tabelas) permitiram confirmar as hipóteses de pesquisa de que: a) os professores de educação infantil atuantes em Centro de Educação Infantil sofrem preconceito por parte da comunidade escolar nas esferas pessoal (orientação sexual, temperamento e conduta social) e profissional (competência técnica, formação, experiência com a faixa etária e motivos que os levaram a escolher a carreira) e b) o sistema educacional ainda não está preparado para receber tal profissional e dar suporte aos envolvidos, já que não há ações específicas para acolhimento e orientação desses profissionais, em sua atuação nas creches. Professores homens estão ingressando na Rede Municipal de Ensino de São Paulo, sem que os conflitos ou problemas decorrentes sejam discutidos por gestores, professores e pais. Não há bibliografia ou ação política que aborde esse tema. As publicações municipais ignoram esse fato.

MENDONÇA (2016):

A presente pesquisa tem por objetivo investigar as condições que percorrem a docência e o trabalho gestor de profissionais homens no Centro de Educação Infantil. Trata-se de analisar, em uma escola de educação infantil municipal de São Paulo, como se dá a compatibilidade entre gênero e funções exercidas e como são expressos o reconhecimento, a aceitação e a identificação dos papéis dos sujeitos em seus espaços de atuação – Diretor e Professor – homens – pela comunidade/famílias e corpo docente. Orienta a pesquisa a hipótese de que o reconhecimento do professor ou gestor homem, no efetivo exercício de suas funções na educação infantil, incluindo o cuidar, pode desconstruir o clássico binarismo de gênero. A investigação foi realizada por meio de pesquisa qualitativa do tipo analítico-descritiva, para entender a visão que a gestores, corpo docente e mães / pais de alunos(as) de uma escola de educação infantil expressam sobre a presença de professor e diretor homens, no efetivo exercício de suas funções nesse tipo e nível de escolaridade básica, bem como seu papel na interação com as crianças

no dia a dia escolar. Selecionou-se para investigação uma escola de educação infantil municipal que tivesse em sua composição pelo menos um professor e um profissional gestor – do sexo masculino – e cuja equipe técnica e corpo docente concordassem em participar da pesquisa. A coleta dos dados foi realizada por meio de: a) Análise de documentos e entrevistas semiestruturadas individuais. A pesquisa foi realizada com o apoio de autores como Berger e Luckmann (pela contribuição em relação aos conceitos de socialização primária e secundária), Apple e Scott (por seus estudos sobre o conceito de “gênero” como categoria de análise em educação). A esses autores são acrescidas pesquisadoras como Carvalho, Moreno e Louro (cujas pesquisas trazem reflexões teóricas e metodológicas orientadoras para novos estudos). Os resultados confirmam em parte a hipótese investigada: de um lado, constata-se que a presença de homens num espaço majoritariamente feminino torna possível, sim, o debate e a ruptura do discurso e práticas sexistas e dos papéis sociais de gênero e, de outro lado, os resultados conduzem a novas questões de pesquisa sobre a presença de homens no ambiente escolar da educação infantil e sobre a possibilidade de que essa presença e atuação possam trazer mudanças nesse espaço de socialização, rompendo com a organização do trabalho com base no gênero dos profissionais e trazendo para esse universo, referências de sua socialização primária e secundária, diferentes das que as profissionais mulheres possuem.

COUTINHO (2019):

A presente dissertação teve como objetivo analisar como o docente masculino de Educação Infantil se percebe e é percebido no espaço escolar no contexto da Amazônia paraense. Como objetivos específicos pretende-se traçar o perfil destes docentes com base nas suas trajetórias profissionais; identificar as condições objetivas de permanência como docentes de crianças pequenas; compreender seu processo de imersão nos contextos de trabalho a partir de si mesmo e da comunidade escolar e, verificar a existência de uma prática pedagógica particularizada em função do ser docente masculino, bem como seus possíveis desdobramentos nessa realidade. O referencial teórico baseia-se em Vigotski e estudiosos que abordam os temas em questão, tais como Sayão (2005), Sousa (2011) e Moreno (2017). A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo estudo de casos múltiplos, tendo como sujeitos principais os três docentes que estão atuando na pré-escola com crianças de 04 anos em instituições públicas da zona urbana do município de Oriximiná/PA. A construção de dados deu-se pela técnica da entrevista semiestruturada, gravada em áudio, aplicada com os docentes investigados e com representantes dos demais segmentos da comunidade escolar. As entrevistas com as crianças foram diferenciadas e realizadas coletivamente. Para a análise dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo baseada nos estudos de Bardin (2006). Em relação a autopercepção dos docentes masculinos pesquisados, os resultados evidenciam que todos eles percebem obstáculos no processo de imersão nas instituições, sendo recebidos nas primeiras escolas de Educação Infantil com olhares duvidosos, vivenciando situações de preconceito dentro do contexto escolar. Também enfrentaram desafios, sendo o principal deles o acompanhamento das crianças ao banheiro, atitude compreendida como inadequada até mesmo por eles e evitada por todos na escola. Além disso, o desenvolvimento de atividades que envolvem ações socialmente associadas ao feminino, como dançar, cantar e pular, também são alvo de questionamentos. Fatores como seriedade, respeito e “domínio de classe” foram apontados pelos professores como características próprias de um docente masculino para atuar em turmas de Educação Infantil, induzindo a uma visão conservadora de que o homem é mais impositivo, severo e dominador. No que se refere à percepção da comunidade escolar, a maioria dos sujeitos adultos entrevistados vê como natural a presença masculina na docência na escola da infância. Na categoria das professoras foi onde se percebeu a maior divergência de opiniões quanto a presença masculina na escola, com destaque para a afirmação de que as mulheres têm mais habilidades para atuar nas salas de atividades com crianças pequenas e que os colegas homens não têm aquele “jeitinho” que estas turmas necessitam para um trabalho de qualidade.

Quanto à percepção dos familiares das crianças, todos afirmaram ver com naturalidade um homem ocupando a função de docente de seus filhos e filhas e que, apesar do receio inicial, em função dos inúmeros casos de abusos contra menores divulgados pela mídia, após acompanharem o trabalho destes profissionais, foram se tranquilizando. Entre as crianças, ficou evidente que o mais importante não é o sexo do professor, mas sua capacidade de interagir e desenvolver atividades que tornem as experiências de aprendizagem significativas. Foi nessa categoria onde se percebeu a maior aceitação dos docentes masculinos, o que leva a crer que as crianças ainda não estão carregadas com as marcas históricas construídas socialmente de que homens não devem ser professores na Educação Infantil. A partir dos resultados apresentados, acredita-se que a temática discutida neste estudo deve ser trabalhada transversalmente nos cursos de formação inicial e continuada, especialmente na licenciatura em pedagogia, uma vez que a discussão desses elementos influi diretamente no exercício profissional dos/as professores/as.

Palavra- chave: homem professor polivalente

Com a utilização da palavra-chave “homem professor polivalente”, em sua expressão exata, foram identificadas **19.257 produções** – que foram sendo gradativamente reduzidas após a utilização dos filtros referentes a:

- Doutorado e Mestrado: **18.782 produções**;
- Anos 2013 a 2024: **699 produções**;
- Área de conhecimento / avaliação / educação: **31 produções**.

Após a leitura dos títulos foram selecionadas 5 produções e após a releitura dos títulos e leitura dos resumos foi selecionada apenas **01 produção**, nível de mestrado, defendida em 2016, cujas informações centrais são apresentadas a seguir – transcritas tal como aparecem no resumo da pesquisa.

VERGILI (2016):

O intuito deste trabalho é problematizar a música enquanto linguagem de expressão passível de apropriação e como artefato cultural capaz de disseminar representações de gênero no cotidiano escolar infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de análise de conteúdo que apresenta algumas músicas no ambiente escolar, objetivando investigar a presença de marcadores de gênero, o papel do homem e da mulher, como possíveis constituintes da identidade de gênero e da sexualidade. O objetivo do estudo é investigar a potencialidade educacional e política entre música e a constituição de gênero e sexualidade no decorrer do desenvolvimento do educando na Educação Infantil. Buscou-se aporte na obra de Guacira Louro, que defende a Educação como processo de construção de sujeitos. Entende a categoria gênero como um conceito relevante, útil e apropriado para as questões educacionais, questionando o caráter “natural” do feminino e do masculino. A pesquisa se propôs a analisar cantigas infantis, utilizando a análise de conteúdo de Bardin, no intuito de conhecer os papéis de gênero nelas propostos. A provocação das fronteiras de gênero em meninos e meninas da Educação Infantil surpreende pela desenvoltura e solução que encontram ao serem desafiados. Percebeu-se como resultado desta pesquisa, que as questões de marcadores de gênero nas cantigas infantis não passam despercebidas pelos pequenos, mas a maneira com que lidam com essas questões incita a propor mais questionamentos e reflexões sobre esta temática.

2.2 Na base de pesquisa SciELO

Palavra-chave: Professor homem na educação infantil

Com a utilização da palavra-chave “Professor homem na educação infantil”, em sua expressão exata, foram identificadas **17 produções**, não tendo necessidade de aplicar nenhum filtro.

Após a leitura dos títulos foram selecionadas 3 produções e após a releitura dos títulos e leitura dos resumos foram selecionadas as **2 produções**, sendo ambos artigos publicados, com as seguintes datas e quantidades: 1 pesquisa em 2013 e 1 pesquisa em 2021, cujas informações centrais são apresentadas a seguir (transcritas tal como aparecem nos resumos das pesquisas selecionadas).

SANTOS (2021):

Neste artigo, analisam-se os modos como as crianças atribuem sentidos à presença de um professor homem na educação infantil. O quadro teórico-metodológico articula os novos estudos da infância e os estudos de gênero, servindo como base conceitual de uma etnografia realizada em uma instituição de educação infantil de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Participaram do estudo 25 crianças (07 meninas e 18 meninos), uma professora e um professor. Resultado: identificou-se que as relações vividas pelos docentes se baseavam em estereótipos de gênero. A professora, muitas vezes, atribuía parte de suas responsabilidades ao professor, baseando-se, para tanto, em representações da masculinidade hegemônica, fazendo com que as crianças se apropriassem desses significados. Conclui-se que não basta inserir homens na docência com crianças como forma de produzir uma política de equidade de gênero. Para se combaterem preconceitos baseados em diferenças de gênero, é preciso que todos/as se reconheçam como agentes de mudança.

RABELO (2013):

Este artigo centra-se em uma investigação sobre a figura do professor do sexo masculino que trabalha no ensino público do ensino primário, onde averiguou-se os motivos e as consequências da escolha profissional dos docentes que enveredam por uma área tipicamente associada com o feminino. Analisando questionários e entrevistas com estes professores são identificadas nas suas narrativas as questões que marcaram a opção pela docência, fazendo um estudo comparativo entre duas regiões: Rio de Janeiro/Brasil e Aveiro/Portugal. Os resultados apontaram que a presença de professores do sexo masculino na docência do ensino primário é uma forma de inserir as questões de gênero na educação e demonstrar que o homem também pode escolher essa atividade. Promovem-se discussões centradas nas representações de gênero que rondam o campo profissional da docência, neste artigo focadas mais nos resultados dos questionários.

Palavra-chave: Presença masculina na educação infantil

Com a utilização da palavra-chave “presença masculina na educação infantil”, em sua expressão exata, foram identificadas **65 produções**, que foram reduzidas com a aplicação dos seguintes filtros:

- *Idioma Português*: foram encontradas **47 produções**;

- Área Temática *Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas E Multidisciplinar*: encontramos **16 trabalhos**.

Após a leitura dos títulos foram selecionadas 2 produções e após a leitura dos resumos foi selecionada apenas **01 produção**, sendo 1 artigo publicado em 2018, cujas informações centrais são apresentadas a seguir – transcritas tal como aparecem no resumo da pesquisa.

GONÇALVES E OLIVEIRA (2018):

As correlações entre gênero, diversidade e educação estão presentes na sociedade e na escola. Em geral, na educação infantil quase não existem docentes do gênero masculino, por se entender que essa tarefa é mais adequada às mulheres. No entanto, em algumas culturas indígenas isso é diferente, fato que despertou o interesse em entender essa realidade. Assim, este trabalho tem como objetivo investigar a opinião da comunidade escolar de uma aldeia indígena, localizada no município de Tacuru (MS), acerca do trabalho desenvolvido por professores indígenas do gênero masculino na educação infantil. A pesquisa de campo é de natureza qualitativa e para coleta de dados foi feita a gravação de entrevistas semiestruturadas, realizadas inicialmente com quatro sujeitos: um professor, um gestor escolar, uma mãe de criança, sendo todos indígenas, e uma gestora municipal não índia. Os resultados foram transcritos, analisados e nomeados como dados primários. Este estudo também contou com a participação de um pesquisador da cultura indígena que relatou sua opinião em relação aos resultados obtidos com as entrevistas dos quatro primeiros participantes. Tal participação foi denominada como dados secundários. Resultados: os dados da pesquisa evidenciam que na cultura indígena as crianças vivem junto da comunidade, onde todos são educadores em potencial, independente do gênero, de modo que o cargo de professor dentro de uma aldeia indígena pode ser considerado um cargo de prestígio. Além disso, para as mulheres indígenas é mais difícil sair da aldeia em busca de uma formação, o que pode explicar a significativa presença masculina na educação infantil na aldeia indígena pesquisada.

Palavra-chave: professor homem polivalente

Não apareceu nenhum resultado na busca.

2.3 Banco de Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação (PPGPEGI) da Universidade de Araraquara – UNIARA

A realização do mapeamento bibliográfico inicial na base de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação (PPGPEGI) da Universidade de Araraquara – UNIARA identificou um total de **164 Dissertações** produzidas no período de 2015 a 2022. Após a leitura dos títulos dessas produções foram selecionados **8 títulos** e após a leitura dos resumos com o objetivo de identificar os elementos centrais das pesquisas foram selecionados **2 resumos**, sendo todas no nível de mestrado, com as seguintes datas e quantidades: 1 pesquisa em 2015 e 1 pesquisa em 2019, cujas informações centrais são apresentadas a seguir – transcritas tal como aparecem nos resumos das pesquisas.

AGGIO (2015):

A mulher, nos últimos anos, ganhou mais espaço nas práticas esportivas tidas como masculinizadas, embora ainda haja demasiada influência conservadora e patriarcal em diversos ambientes e espaços. À luz deste cenário, o objetivo desta pesquisa consistiu em analisar como o futebol está sendo desenvolvido nas aulas de Educação Física Escolar, na visão de alunas do nono ano do Ensino Fundamental das escolas da rede municipal de uma cidade do interior de São Paulo, bem como veem sua própria participação nestas aulas e de que maneira enxergam a figura do professor no processo ensino-aprendizagem da modalidade futebol neste espaço escolar. Para se chegar a estes objetivos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, tendo a metodologia praxiológica de Bourdieu como condição para analisar os dados. Os resultados encontrados revelaram que ainda se perpetua no âmbito escolar a visão masculina eternizada e naturalizada socialmente, da prática do futebol, proveniente da escola e, em muitos casos, do *habitus* familiar. Porém, a escola, por meio do professor de Educação Física, tem a possibilidade de reestruturar estes *habitus*, conscientizando e desmistificando conceitos incorporados nos sujeitos e, ainda, possibilitando mudanças nas atitudes dos meninos e, principalmente, das próprias meninas as quais se excluem de praticar o futebol por considerá-lo um esporte masculino. Conclui-se então que, a Educação Física, disciplina obrigatória do currículo escolar, desempenha um importante papel na instituição escolar, principalmente na resolução de conflitos entre os gêneros. Portanto, o professor deve estar consciente de tal dificuldade, a fim de diagnosticar, interferir e buscar soluções conceituais, procedimentais e atitudinais que forneçam subsídios concretos para solução deste problema.

SILVA (2019):

O objetivo desta dissertação consiste em analisar a prática pedagógica dos professores que atuam, especificamente, na Educação Infantil a fim de verificar se eles reproduzem ou não o padrão heteronormativo enraizado na sociedade, apontado neste trabalho como práticas sexistas. Seguindo a linha de natureza qualitativa / exploratória / observatória, a pesquisa explora o contexto histórico-social da Educação Infantil. Na primeira seção propõe ao leitor o conhecimento abrangente da inicialização da construção da Educação Infantil, seu contexto histórico-social, suas mudanças no decorrer das décadas, seus marcos e, ainda, quem são os professores que atuam na Educação Infantil no Brasil. Na segunda seção dá enfoque às diferenças sobre sexualidade e sexo, bem como este conceito foi difundido no passado e quão importante ele é no mundo contemporâneo para que possamos nos apropriar

posteriormente das práticas sexistas na Educação Infantil. Na terceira seção define o que são práticas sexistas, como surgiram, quais são as mais utilizadas na Educação Infantil e seu surgimento ao longo da história. A Educação Infantil, primeira etapa da formação de um agente social, é também uma fase importante para a formação de cultura e, nesta fase, muitas práticas sexistas são disseminadas pela escola reforçando os modelos padrões da sociedade heteronormativa. As crianças desde cedo têm contato com uma pedagogia do insulto, em brincadeiras, jogos, recreações entre outros. Desta maneira professores, inconscientemente, acabam disseminando preconceitos internalizados na sua visão de mundo às crianças da Educação Infantil. Algumas práticas sexistas observadas na Educação Infantil são os crachás – azul para os meninos e rosa para as meninas – além das brincadeiras de recreação que alguns profissionais atuantes determinam que tais brinquedos só podem ser manuseados por meninos ou meninas, pois, existe sempre o clichê: “estes brinquedos são de meninas”, “estes carrinhos são para os meninos”, podendo dificultar a tomada de decisão das crianças no momento de sua imaginação/transformação do seu mundo. Já na quarta seção é feita a análise de dados bem como uma discussão do que dizem outros autores sobre a mesma temática. Resultados: com aportes teóricos de cunho bourdieusiano e linha foucaultiana para as interpretações e análises, verificou-se como resultado de pesquisa que as práticas pedagógicas de alguns docentes no espaço escolar infantil podem reforçar estereótipos construídos historicamente nas relações sociais. A escola estando dentro de uma sociedade que determina os padrões heteronormativos reproduz práticas sexistas e pode trabalhar a favor delas ou banir os preconceitos e discriminações. Defende-se a ideia de uma educação transformadora e neutra, contra todas as práticas sexistas impostas historicamente, porém para que isso aconteça é, necessário uma mudança de mentalidade que está além da reformulação dos currículos, mas no próprio ser humano. É preciso também que a sociedade brasileira esteja engajada para romper com a ideologia de gênero e as práticas sexistas, por meio da defesa de uma educação inclusiva, plural, justa, democrática e republicana, cuja construção só se fará por meio de uma Educação crítica e reflexiva, que esteja, de fato, comprometida com valores antissexistas e antiandrocêntrica. Entre as contribuições deste trabalho para a sociedade, pode-se destacar: a temática que ainda por inúmeras razões é pouco mencionada e explorada no meio científico, bem como a reflexão que possa nortear os novos currículos dos cursos de Pedagogia, fomentando uma formação continuada de nossos educadores atuantes.

2.4 Considerações sobre o mapeamento bibliográfico

A **Tabela 1**, apresentada a seguir, reúne os dados referentes ao número de pesquisas selecionadas neste levantamento bibliográfico preliminar.

Tabela 1: Número de pesquisas selecionadas

Fonte	Produções selecionadas
Banco de Teses e Dissertações da Capes.	10
Biblioteca Scielo.	03
Banco de Dissertações do Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação (PPGPEGI) da Universidade de Araraquara – UNIARA.	02
Total: 15	

Nesse conjunto de pesquisas selecionadas a partir das palavras-chave “professor homem na educação infantil”, “presença masculina na educação infantil” e “homem professor polivalente”, pudemos encontrar, com base nos resumos analisados alguns elementos relacionados:

- à construção do professor homem na docência da educação infantil;
- presença masculina adequada a essa etapa da escolaridade básica;
- a ações e programas da rede de ensino para inserir e acolher o professor homem;
- condições profissionais de professores homens para o exercício da profissão docente no início da escolaridade;
- aos motivos para a escolha da profissão;
- ao espaço indígena;
- ao espaço no contexto da Amazônia paraense;
- à mulher no espaço “masculino”;
- à reprodução dos padrões heteronormativos na escola;
- a discriminações;
- à música e outros recursos de sentidos para as crianças.

A palavra-chave “homem professor polivalente” foi a que menos trouxe informações durante o levantamento bibliográfico, mas como as três palavras se relacionam/aproximam, não podemos afirmar que existem poucas informações nesse campo. Por outro lado, podemos observar que pouco foi pensado sobre o bem-estar do homem na profissão: O que tem sido feito? Quais as condutas na escola em geral? O professor teve acompanhamento ou apoio para lidar com acontecimentos específicos? Toda a equipe está preparada para enfrentar qualquer tipo de situação discriminatória? E para identificar a discriminação?

Portanto, é por meio de questões dessa natureza que foi realizada a pesquisa aqui relatada, a fim de investigar as discriminações que os professores/homens vivem nas escolas de educação infantil, a preparação de todos os funcionários, as condutas tomadas pela escola e os sentimentos dos professores homens. Dessa forma, esta pesquisa espera contribuir para um novo olhar ao magistério masculino na educação infantil.

3 APOIOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresento as principais contribuições teóricas que ajudam a compreender a docência masculina na Educação Infantil. Em um primeiro momento, trago alguns pontos específicos e característicos que são fundamentais para trabalhar com crianças pequenas, como a importância do cuidado, do vínculo e do desenvolvimento infantil. Em seguida, entro na questão do gênero e do professor homem nesse contexto, abordando os desafios que ele enfrenta, as percepções da sociedade e como sua presença pode contribuir para uma educação mais inclusiva. A partir das ideias de diferentes estudiosos, busco ampliar o olhar sobre essa realidade e destacar a relevância desses profissionais na formação das crianças.

3.1 O trabalho docente na educação infantil e suas especificidades

- Perrenoud (2003) – para educar crianças pequenas

O texto “*Para educar crianças pequenas, o bom senso não basta!*” escrito por Philippe Perrenoud (2003) destaca a necessidade de atualização na abordagem da responsabilidade profissional na educação e cuidados da primeira infância, incluindo a necessidade de formação elevada para os educadores. Argumenta que os danos causados por uma má educação parental são sérios e muitas vezes resultam em problemas psicológicos na vida adulta. Enfatiza a importância de educadores capacitados, não apenas para lidar com crianças, mas também para educar e apoiar os pais, respeitando suas diferenças culturais. Além disso, destaca os desafios únicos de lidar com crianças pequenas, cujos processos de desenvolvimento são menos transparentes e requerem uma abordagem sensível e colaborativa com pais em diferentes circunstâncias. O texto conclui ressaltando a importância de avançar no conhecimento sobre o desenvolvimento infantil, enfatizando que o bom senso não é suficiente para educar crianças pequenas, e que os educadores devem possuir um alto nível de especialização.

- Duarte (2012) – Professoras de bebês

O trabalho de Duarte (2012) tem por objetivo “identificar a especificidade que constitui a ação docente das profissionais que atuam diretamente com os bebês em creche”, discutindo a importância da postura do professor na interação com bebês, e destacando que essa interação influencia diretamente a ação social dos bebês.

Ser professora de crianças pequenas, segundo a autora, requer considerar cuidado e educação dentro de um contexto de relações sociais, respeitando as vozes/manifestações corporais dos bebês. A docência com os bebês é vista como uma prática educativa que valoriza a interação humana intencional, tendo como foco a consolidação de uma pedagogia da infância, que se preocupa com as próprias crianças e suas relações na apropriação da cultura.

A autora ainda completa que é importante uma pedagogia que considere as crianças em sua totalidade, reconhecendo que elas agem, se comunicam e se relacionam dentro de grupos. A docência com bebês é vista como uma profissão centrada nas relações humanas, onde o cuidado é fundamental. As ações educativas devem ser integradas, sem separar o cuidado físico do emocional. A proximidade física entre adultos e crianças é essencial para estabelecer uma relação de segurança e confiança, sendo fundamental para a prática docente com bebês.

Para Duarte (2012), pesquisar as ações docentes de professoras/es de bebês é “(...) conhecer e valorizar essas práticas que geralmente são invisíveis no cotidiano das instituições de educação infantil” (p. 2).

Segundo a autora, “[...] para o bebê, ir à creche é ter a oportunidade de se relacionar, de ampliar suas experiências” (p. 2), por meio do convívio com os outros bebês e outros adultos, que não os de sua família de origem. Ou seja, a docência com bebês e crianças pequenas têm as relações humanas como o centro das ações educativas – relações essas vivenciadas com maior intensidade do que nas demais etapas da escolaridade – e que, portanto, exigem uma “pedagogia das relações”, marcada por “outras formas de comunicação e linguagens que não somente a oral”. Ou seja, “[...] quanto menor a criança, mais estreitas são as relações nos contextos educativos” (Duarte, 2012, p. 4-5).

Nessa dimensão das relações corporais, a pesquisa de Duarte (2012) evidenciou dois corpos que se relacionam – professor/a e bebê – “[...] com uma forte proximidade entre os corpos, pois os bebês solicitam a todo o momento a proximidade com o adulto”, exigindo [...] um grande esforço físico por parte desses/as profissionais” (p. 7 e ss). Em suas palavras:

A dimensão das relações de cuidado destaca-se por três vieses, primeiro por serem **os momentos de cuidado um concentrador das ações das professoras**, já que a alimentação e higiene são apontados pelas professoras como os momentos que tomam a maior parte do tempo das suas ações. Segundo, o que denominou-se de **ação individual dentro de um coletivo** pelo fato de o bebê ter necessidades (físicas, biológicas, emocionais) individuais, que em muito dependem de um adulto para auxiliar, e esse mesmo bebê encontra-se num contexto educativo coletivo, a creche, que também precisa atender às necessidades desse grupo. E sendo os momentos de alimentação e higiene o que concentram as ações das professoras estes são em grande medida permeados por relações individuais entre adultos e bebê. Por último, **toma-se o cuidado como ação docente reafirmando-o como uma dimensão educativa na ação docente das professoras de bebês**, pois é imperativo que se assuma de vez que relações de cuidado fazem parte da constituição profissional da professora de educação infantil (Duarte, 2012, p. 8 – grifos meus).

Desse modo, para essa autora, a *docência para a infância* se refere diretamente a uma pedagogia da infância.

- Judit Falk (2011) – Lóczy – educar os três primeiros anos

O livro *“Educar os três primeiros anos a experiência de Lóczy”* destaca a importância dos breves diálogos na vida das crianças e como uma educadora que os reconhece tende a mudar sua abordagem, deixando de focar apenas em comportamentos negativos. Essa mudança de atitude influencia positivamente o comportamento das crianças, reforçando formas desejáveis de atenção e promovendo o desenvolvimento da comunicação verbal. Além disso, ao responder às iniciativas das crianças, a educadora fornece informações específicas e relevantes no momento adequado, o que contribui para a compreensão e o interesse das crianças. A autora descreve a abordagem de uma educadora ao envolver a criança na troca de roupa de forma consistente e paciente. Ela chama a atenção da criança para o que está fazendo, espera que ela preste atenção à peça de roupa e solicita que realize o movimento necessário. Se a criança não segue suas instruções, a educadora continua com naturalidade e, após um momento, reintroduz suavemente a solicitação.

O trabalho de Falk (2011) destaca a importância da interação social e do uso de objetos e instrumentos na aprendizagem das crianças, mas ressalta que a atividade de movimento e jogos livres, sem a intervenção do adulto, é fundamental para o desenvolvimento infantil. A autonomia e independência da criança são promovidas quando ela pode agir e aprender de forma independente, sem a interferência constante do adulto. A intervenção excessiva do adulto pode perturbar essa independência e aumentar a dependência da criança, enquanto o respeito à autonomia favorece um desenvolvimento saudável.

Também é importante observar neste trabalho que as ações dos professores ao ensinar têm consequências para os alunos, sejam elas positivas ou negativas. Incidentes como esquecer material escolar ou fazer um dever malfeito resultam em pontos negativos ou notas baixas. Os professores aplicam essas medidas para desencorajar comportamentos indesejáveis, enfatizando as consequências negativas dessas ações por meio de regras específicas, com o objetivo de ensinar aos alunos a responsabilidade e a importância de cumprir com suas obrigações. Logo, entendemos que as crianças devem participar ativamente de atividades rotineiras, tanto na instituição quanto na família. Pequenos gestos, como levantar os braços para facilitar a troca de roupa, sentar-se ou levantar-se quando solicitado pelo adulto, ou se aproximar do adulto em busca de apoio, demonstram o interesse da criança em participar e colaborar nas tarefas cotidianas. Essas interações não apenas são cruciais para o desenvolvimento infantil, mas também para orientar a atuação educacional, visando capacitar a criança a realizar tarefas como vestir-se e despir-se de forma independente.

3.2 Gênero e docência na educação infantil

CARDOSO (2007) – A identidade de professores homens na docência com crianças.

Os estudos e as entrevistas realizadas por Cardoso (2007) destacam que os professores homens resistem às normas de gênero associadas ao magistério feminino, embora continuem a reproduzir estereótipos de gênero. Eles tendem a evitar disciplinas associadas à feminilidade, preferindo cargos de prestígio e poder na hierarquia escolar. A presença masculina no magistério é marcada por uma construção de identidade singular, influenciada por discursos sociais e experiências individuais. A compreensão das representações dos professores masculinos requer uma análise de como se veem e como são percebidos socialmente, especialmente em uma profissão historicamente feminina.

LOURO (2003) – Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.

No capítulo intitulado “gênero da docência”, aborda a influência inicialmente masculina e religiosa na instituição escolar no Brasil, principalmente através dos jesuítas. As primeiras escolas eram predominantemente masculinas e destinadas à formação de jovens brancos católicos. Apesar de algumas mudanças ao longo do tempo, como a feminização do magistério, essa influência persistiu por um período significativo.

No desenrolar do texto Louro (2003) explora a mudança na representação do magistério, que passa a ser associado predominantemente às mulheres devido à ênfase crescente na importância do afeto e do amor na educação, conforme novas teorias psicológicas e pedagógicas surgem. Isso resulta em uma valorização do papel das mulheres no ensino primário, com políticos, religiosos e pais direcionando suas expectativas e reconhecimento para as professoras.

Por fim entendemos que o texto aborda a evolução das representações de professores e professoras ao longo do tempo, destacando como essas imagens se transformam e entram em competição devido a resistências individuais, mudanças sociais, políticas e institucionais. Professores e professoras deixam de ser vistos apenas como figuras dóceis e passam a se envolver em movimentos sindicais, buscando melhores condições de trabalho. Surgem novas formas organizativas, dando à profissão uma dimensão mais política e profissional. No entanto, essas mudanças coexistem com as formas tradicionais, gerando conflitos e divisões. A identidade do professor ou professora não é unitária, variando de acordo com diferentes

representações e contextos. Essa aparente instabilidade afeta até mesmo os próprios sujeitos, que podem se perceber divididos e contraditórios em relação à sua identidade profissional.

MATTOS (2011) - A questão de gênero e a formação da professora de educação infantil.

As professoras muitas vezes se veem apenas como cuidadoras, refletindo uma separação entre educar e cuidar. Entretanto, a comunidade está começando a valorizar a formação docente na educação infantil, reconhecendo o cuidado como essencial. Na contemporaneidade, a construção da professora pesquisadora vai além da formação inicial, abrangendo também a formação contínua e o desenvolvimento profissional.

O referencial atual demanda que os professores não apenas tenham formação adequada, mas também sejam capazes de promover o desenvolvimento integral da criança em diversos aspectos, incluindo cognitivo, emocional, psicomotor e social, considerando ainda os cuidados essenciais e o contexto social e cultural. Isso implica em ser "polivalente".

Os encontros reflexivos e as rodas de conversa são oportunidades para sensibilizar os professores e refletir sobre sua prática, incentivando mudanças e ressignificação da ação docente. Além de abordar teorias e conteúdos específicos, a formação docente também enfatiza a importância das relações interpessoais, do trabalho em grupo e das experiências vivenciais.

CARVALHO (1996) - Trabalho docente e relações de gênero: algumas indagações.

O artigo de Carvalho aborda a relação entre o trabalho docente e as questões de gênero, enfatizando a predominância feminina no magistério e como essa feminização impacta a organização e a valorização do trabalho nas escolas. A autora critica a abordagem tradicional, que, ao analisar o trabalho docente com base em categorias masculinas de profissionalismo e proletarização, ignora a importância das habilidades adquiridas pelas mulheres no contexto doméstico e materno. Essas habilidades, fundamentais no cotidiano das professoras, são frequentemente desvalorizadas, o que resulta na desqualificação do trabalho docente, especialmente no ensino primário, predominantemente feminino. A autora propõe que a compreensão do trabalho docente só será plena se incorporarmos as relações de gênero, reconhecendo como as professoras utilizam competências adquiridas em sua socialização para o trabalho doméstico e a maternagem. Conclui-se que é essencial uma revisão teórica que vá além das dicotomias de público e privado e que valorize as especificidades do trabalho feminino no magistério, considerando suas qualificações e a natureza do trabalho que desempenham, para que se possam transformar as práticas educacionais e a percepção social sobre o trabalho docente.

CARVALHO (1998). Vozes masculinas numa profissão feminina.

O artigo "Vozes masculinas numa profissão feminina", de Marília Pinto de Carvalho, aborda a feminização da profissão docente, especialmente nas séries iniciais do ensino, e como os professores do sexo masculino lidam com essa realidade. A autora explora a escassez de estudos que considerem as experiências e identidades de gênero dos homens no magistério, destacando o contraste entre as expectativas sociais associadas à feminilidade e o trabalho docente, tradicionalmente visto como "feminino". A pesquisa revela que, ao longo da história, o ensino primário foi considerado uma extensão da maternidade, com características como a dedicação e a empatia, associadas ao ideal feminino. No Brasil, a crescente presença de mulheres no magistério durante o século XX consolidou essa imagem, enquanto os homens, embora presentes em menor número, são frequentemente vistos como destoantes dessa associação. O estudo destaca como os homens no ensino primário, ao desempenharem tarefas culturalmente associadas à feminilidade, enfrentam desafios relacionados à desvalorização da profissão, baixos salários e o preconceito social. Ao refletir sobre as experiências desses professores, a pesquisa busca compreender como o gênero influencia o trabalho docente e propõe uma reflexão mais profunda sobre as dinâmicas de masculinidade e feminilidade no campo educacional, apontando a necessidade de desafiar os estereótipos e repensarmos as atribuições sociais de gênero nas profissões.

O artigo explora as dinâmicas de gênero no trabalho docente, especialmente no contexto dos professores homens nas séries iniciais e na educação infantil, áreas tradicionalmente associadas à feminilidade. Embora o ensino infantil seja uma profissão predominantemente feminina, os professores homens frequentemente adotam estratégias para afirmar sua masculinidade, como se distanciar das séries iniciais com crianças menores, preferindo turmas mais velhas ou atividades físicas que envolvem brincadeiras como futebol. Além disso, muitos relatam que sua autoridade e disciplina são vistas como qualidades masculinas, sendo mais eficazes para lidar com comportamentos indisciplinados, especialmente entre meninos. Apesar disso, os homens entrevistados não parecem buscar transformar as normas de gênero ou questionar o modelo tradicional de masculinidade, mas sim reforçá-lo, buscando distinguir-se das professoras e enfatizando suas práticas autoritárias e mais "duras". Em contrapartida, a profissão docente, especialmente nas séries iniciais, continua sendo um campo conservador onde as divisões de gênero são reforçadas, com os homens mantendo suas características masculinas, mesmo em um espaço tradicionalmente feminino. Isso revela uma contradição, pois, embora esses professores desempenhem papéis de cuidado infantil, suas

práticas e atitudes muitas vezes reforçam estereótipos de gênero em vez de desafiá-los. Contudo, ao persistirem nessa profissão, eles também introduzem uma transformação gradual, mostrando que a masculinidade pode coexistir com o cuidado e a educação infantil, apesar das resistências culturais e sociais que ainda prevalecem.

4 A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL SEGUNDO A LEGISLAÇÃO

O documento legal principal no cenário nacional destaca os princípios fundamentais das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL – DCNEI, 2009) e propõe a organização do currículo em torno de cinco aspectos principais:

1. **Princípios da Educação Infantil:** destaca a importância dos princípios éticos, políticos e estéticos no projeto pedagógico, incluindo autonomia, responsabilidade, sensibilidade e respeito às diferentes culturas.
2. **Cuidar e Educar:** enfatiza a integração entre cuidar e educar como compromisso com a integralidade da educação dos sujeitos e com o futuro da humanidade e do planeta.
3. **Interações e Brincadeiras:** reconhece o papel central do brincar e das interações na vida das crianças pequenas para aprendizagem, desenvolvimento e socialização.
4. **Seleção de práticas, saberes e conhecimentos:** destaca a importância da seleção de práticas sociais e conhecimentos relevantes para as novas gerações, emergidos da vida cotidiana e contextualmente significativos.
5. **Centralidade das crianças:** enfatiza a valorização das singularidades das crianças, a criação de espaços para suas culturas infantis e a contemplação das diversidades presentes em suas vidas nos projetos educacionais.

Nessa mesma direção, a proposta de **Base Nacional Comum Curricular** (BRASIL – BNCC, 2017) apresenta seis direitos de aprendizagem para a Educação Infantil:

1. **Conviver democraticamente:** desenvolver habilidades de relacionamento, respeitando a natureza, culturas e diferenças entre pessoas.
2. **Brincar cotidianamente:** explorar diversas formas de brincar para ampliar conhecimentos, imaginação, criatividade e experiências emocionais, corporais e sociais.
3. **Participar com protagonismo:** envolver-se ativamente no planejamento da escola, atividades cotidianas e escolha de brincadeiras, materiais e ambientes, desenvolvendo linguagens e conhecimentos.
4. **Explorar:** interagir com diferentes elementos, grupos e ambientes para ampliar saberes, linguagens e conhecimentos.
5. **Expressar-se:** utilizar diferentes linguagens para expressar sensações, necessidades, opiniões, sentimentos, desejos e narrativas, incluindo a produção e fruição das artes.

6. Conhecer-se e construir identidade: desenvolver uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento por meio de experiências de cuidados, interações e brincadeiras na instituição de Educação Infantil.

Em maio de 2016, foi estabelecido o **Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Sinaeb)**, que inclui a **Avaliação Nacional da Educação Infantil (ANEI)**, um ciclo avaliativo bianual iniciado em 2017. O objetivo é diagnosticar as condições de oferta da educação infantil, tanto em sistemas públicos quanto privados, no Brasil. A ANEI avalia aspectos como infraestrutura, pessoal, gestão, recursos pedagógicos e acessibilidade, fornecendo subsídios para a construção de políticas públicas visando a melhoria da qualidade da educação infantil.

Segundo, Vicente, Mello e Mello (2021) e Abuchaim (2018), no Censo Escolar de 2013, apenas 3% das funções docentes na educação infantil são ocupadas por homens, refletindo uma tendência mundial de baixa representação masculina nessa área. Mesmo na Noruega, país com a maior porcentagem de homens atuando, o percentual é de apenas 10%. Historicamente, as mulheres foram associadas ao cuidado de crianças, o que se reflete na "feminização" da profissão docente na educação infantil. Essa tendência é sustentada pela crença na capacidade inata das mulheres para o cuidado infantil. A presença de homens como professores é frequentemente marcada por resistências sociais, incluindo preconceitos como a suspeita de potenciais abusos contra crianças. Esse estigma social cria uma resistência à inserção de homens nesse campo, perpetuando um desequilíbrio de gênero nas creches e pré-escolas.

Já o documento "*Policy guidelines on the promotion of decent work for early childhood education personnel*" (2014 / Geneva / International Labour Office, Geneva) enfatiza a importância de programas de formação inicial para profissionais da educação infantil considerarem aspectos específicos dessa área. Ele destaca a necessidade de os profissionais estarem bem-preparados com amplo conhecimento sobre desenvolvimento infantil, aprendizagem, brincadeiras, avaliação, segurança e saúde. Além disso, a formação deve incluir habilidades de empatia para lidar com crianças e famílias, e sensibilidade para questões de gênero, igualdade social e diversidade cultural.

Nessa direção, vale lembrar que Vieira e Oliveira (2013) demonstram estudos realizados por Cota (2007), Diamante (2010) e Venzke (2004), indicando que professores de educação infantil, provenientes de diferentes contextos sociais, percebem uma falta de valorização social em relação à sua profissão, frequentemente levando a sentimentos de insatisfação e desejo de abandonar a carreira. Os fatores que influenciam a decisão de abandonar o magistério incluem o desprestígio social associado à docência. Apesar da falta de estatísticas nacionais sobre o

abandono da função docente na educação básica, estudos em pequenas amostras sugerem tendências em relação às causas desse abandono.

O trabalho de leitura dos documentos até aqui realizado permite organizar esta parte do relatório para responder às questões de pesquisa relativas a esse cenário da legislação oficial nacional sobre a educação infantil no Brasil.

4.1 O que propõem os documentos oficiais sobre a docência na educação infantil no Brasil

Para realização desta parte da pesquisa selecionamos os seguintes documentos para análise:

1. **Constituição Federal**, promulgada em 05 de outubro de 1988;
2. BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente**, e dá outras providências;
3. Lei Federal 9394 de 20 de dezembro de 1996 - estabelece as **Diretrizes e Bases da Educação Nacional** - arts. 4, 7, 11, 18, 19, 20, 21, 22, 27, 29, 30, 31 e 89;
4. Resolução CNE/CEB nº 05 de 17 de dezembro de 2009 - fixa **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**;
5. **Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica** (BRASIL – BNCC, 2017);
6. BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o **Plano Nacional de Educação - PNE** e dá outras providências.

O **Quadro 1**, apresentado a seguir, reúne as informações, extraídas desses documentos, para responder às seguintes perguntas de pesquisa:

O que propõem os documentos oficiais nacionais sobre a docência na educação infantil: perfil do/a profissional para a docência / critérios para seleção e recrutamento específico para educação infantil?

O que esses documentos preveem sobre formação continuada e outros apoios aos professores em geral e, especificamente, aos professores homens na educação infantil?

Quadro 1: O que diz a legislação

Documento	Perfil profissional para a docência na educação infantil / formação / recrutamento	
Constituição Federal , (Brasil, 1988) promulgada em 05 de outubro de 1988.	XVI - é vedada a acumulação remunerada de cargos públicos, exceto, quando houver compatibilidade de horários, observado em qualquer caso o disposto no inciso XI: (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998). a) a de dois cargos de professor; Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998).	

	b) a de um cargo de professor com outro técnico ou científico; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 19, de 1998). Art. 19. Os servidores públicos civis da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, da administração direta, autárquica e das fundações públicas, em exercício na data da promulgação da Constituição, há pelo menos cinco anos continuados, e que não tenham sido admitidos na forma regulada no art. 37, da Constituição, são considerados estáveis no serviço público. § 1º O tempo de serviço dos servidores referidos neste artigo será contado como título quando se submeterem a concurso para fins de efetivação, na forma da lei. § 2º O disposto neste artigo não se aplica aos ocupantes de cargos, funções e empregos de confiança ou em comissão, nem aos que a lei declare de livre exoneração, cujo tempo de serviço não será computado para os fins do "caput" deste artigo, exceto se se tratar de servidor. V - valorização dos profissionais da educação escolar, garantidos, na forma da lei, planos de carreira, com ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos, aos das redes públicas; (<u>Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006</u>) (<u>Vide Lei nº 14.817, de 2024</u>).	
<u>Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.</u> Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.	§ 3º Os profissionais que atuam no cuidado diário ou frequente de crianças na primeira infância receberão formação específica e permanente para a detecção de sinais de risco para o desenvolvimento psíquico, bem como para o acompanhamento que se fizer necessário. (Incluído pela Lei nº 13.257, de 2016). III - a formação continuada e a capacitação dos profissionais de saúde, educação e assistência social e dos demais agentes que atuam na promoção, proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente para o desenvolvimento das competências necessárias à prevenção, à identificação de evidências, ao diagnóstico e ao enfrentamento de todas as formas de violência contra a criança e o adolescente; (Incluído pela Lei nº 13.010, de 2014). VIII - especialização e formação continuada dos profissionais que trabalham nas diferentes áreas da atenção à primeira infância, incluindo os conhecimentos sobre direitos da criança e sobre desenvolvimento infantil; (Incluído pela Lei nº 13.257, de 2016). IX-formação profissional com abrangência dos diversos direitos da criança e do adolescente que favoreça a intersetorialidade no atendimento da criança e do adolescente e seu	

	desenvolvimento integral; (Incluído pela Lei nº 13.257, de 2016). Art. 9º As políticas para a primeira infância serão articuladas com as instituições de formação profissional, visando à adequação dos cursos às características e necessidades das crianças e à formação de profissionais qualificados, para possibilitar a expansão com qualidade dos diversos serviços. § 3º Os profissionais que atuam no cuidado diário ou frequente de crianças na primeira infância receberão formação específica e permanente para a detecção de sinais de risco para o desenvolvimento psíquico, bem como para o acompanhamento que se fizer necessário." (NR).	
<u>Lei Federal 9394</u> de 20 de dezembro de 1996 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional.	IV - profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36; (Incluído pela lei nº 13.415, de 2017). Parágrafo único. A formação dos profissionais da educação, de modo a atender às especificidades do exercício de suas atividades, bem como aos objetivos das diferentes etapas e modalidades da educação básica, terá como fundamentos: (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009). I – a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009). II – a associação entre teorias e práticas, mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço; (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009). III – o aproveitamento da formação e experiências anteriores, em instituições de ensino e em outras atividades. (Incluído pela Lei nº 12.014, de 2009). IV – a proteção integral dos direitos de crianças e adolescentes e o apoio à formação permanente dos profissionais de que trata o caput deste artigo para identificação de maus-tratos, de negligência e de violência sexual praticados contra crianças e adolescentes. (Incluído pela Lei nº 14.679, de 2023). Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a	

	oferecida em nível médio, na modalidade normal.(Redação dada pela lei nº 13.415, de 2017). § 1º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios, em regime de colaboração, deverão promover a formação inicial, a continuada e a capacitação dos profissionais de magistério. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009). § 2º A formação continuada e a capacitação dos profissionais de magistério poderão utilizar recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009). § 3º A formação inicial de profissionais de magistério dará preferência ao ensino presencial, subsidiariamente fazendo uso de recursos e tecnologias de educação a distância. (Incluído pela Lei nº 12.056, de 2009). § 4º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios adotarão mecanismos facilitadores de acesso e permanência em cursos de formação de docentes em nível superior para atuar na educação básica pública. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013). § 5º A União, o Distrito Federal, os Estados e os Municípios incentivarão a formação de profissionais do magistério para atuar na educação básica pública mediante programa institucional de bolsa de iniciação à docência a estudantes matriculados em cursos de licenciatura, de graduação plena, nas instituições de educação superior. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013). § 6º O Ministério da Educação poderá estabelecer nota mínima em exame nacional aplicado aos concluintes do ensino médio como pré-requisito para o ingresso em cursos de graduação para formação de docentes, ouvido o Conselho Nacional de Educação - CNE.(Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013) § 8º Os currículos dos cursos de formação de docentes terão por referência a Base Nacional Comum Curricular. (Incluído pela lei nº 13.415, de 2017) (Vide Lei nº 13.415, de 2017). Art. 62-A. A formação dos profissionais a que se refere o inciso III do art. 61 far-se-á por meio de cursos de conteúdo técnico-pedagógico, em nível médio ou superior, incluindo habilitações tecnológicas. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013). Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-	
--	--	--

	graduação. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013). Art. 62-B. O acesso de professores das redes públicas de educação básica a cursos superiores de pedagogia e licenciatura será efetivado por meio de processo seletivo diferenciado. (Incluído pela Lei nº 13.478, de 2017). § 1º Terão direito de pleitear o acesso previsto no caput deste artigo os professores das redes públicas municipais, estaduais e federal que ingressaram por concurso público, tenham pelo menos três anos de exercício da profissão e não sejam portadores de diploma de graduação. (Incluído pela Lei nº 13.478, de 2017). § 2º As instituições de ensino responsáveis pela oferta de cursos de pedagogia e outras licenciaturas definirão critérios adicionais de seleção sempre que ocorrerem aos certames interessados em número superior ao de vagas disponíveis para os respectivos cursos. (Incluído pela Lei nº 13.478, de 2017). § 3º Sem prejuízo dos concursos seletivos a serem definidos em regulamento pelas universidades, terão prioridade de ingresso os professores que optarem por cursos de licenciatura em matemática, física, química, biologia e língua portuguesa. (Incluído pela Lei nº 13.478, de 2017). Art. 63. Os institutos superiores de educação manterão: (Regulamento). I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental; II - programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica; III - programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis. Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. Art. 65. A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas.	
<u>Resolução CNE/CEB nº 05 de 17 de dezembro de 2009 - Diretrizes Curriculares</u>	As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, de caráter mandatório, orientam a formulação de políticas, incluindo a de formação de professores e demais profissionais da Educação, e o planejamento, desenvolvimento e avaliação pelas unidades de seu Projeto Político-Pedagógico e servem para informar as famílias das crianças matriculadas	

Nacionais para a Educação Infantil.	na Educação Infantil sobre as perspectivas de trabalho pedagógico que podem ocorrer. A gestão democrática da proposta curricular deve contar na sua elaboração, acompanhamento e avaliação tendo em vista o Projeto Político-Pedagógico da unidade educacional, com a participação coletiva de professoras e professores, demais profissionais da instituição, famílias, comunidade e das crianças, sempre que possível e à sua maneira. Na história cotidiana das interações com diferentes parceiros, vão sendo construídas significações compartilhadas, a partir das quais a criança aprende como agir ou resistir aos valores e normas da cultura de seu ambiente. Nesse processo é preciso considerar que as crianças aprendem coisas que lhes são muito significativas quando interagem com companheiros da infância, e que são diversas das coisas que elas se apropriam no contato com os adultos ou com crianças já mais velhas. Além disso, à medida que o grupo de crianças interage, são construídas as culturas infantis. Também as professoras e os professores têm, na experiência conjunta com as crianças, excelente oportunidade de se desenvolverem como pessoa e como profissional. Atividades realizadas pela professora ou professor de brincar com a criança, contar-lhe histórias, ou conversar com ela sobre uma infinidade de temas, tanto promovem o desenvolvimento da capacidade infantil de conhecer o mundo e a si mesmo, de sua autoconfiança e a formação de motivos e interesses pessoais, quanto ampliam as possibilidades da professora ou professor de compreender e responder às iniciativas infantis. O respeito à dignidade da criança como pessoa humana, quando pensado a partir das práticas cotidianas na instituição, tal como apontado nos “Indicadores de Qualidade na Educação Infantil” elaborados pelo MEC, requer que a instituição garanta a proteção da criança contra qualquer forma de violência – física ou simbólica – ou negligência, tanto no interior das instituições de Educação Infantil como na experiência familiar da criança, devendo as violações ser encaminhadas às instâncias competentes. Os profissionais da educação que aí trabalham devem combater e intervir imediatamente quando ocorrem práticas dos adultos que desrespeitem a integridade das crianças, de modo a criar uma cultura em que essas práticas sejam inadmissíveis. O número de crianças por professor deve possibilitar atenção, responsabilidade e interação com as crianças e suas famílias. Levando em consideração as características do espaço físico e das crianças, no caso de agrupamentos com criança de mesma faixa de idade, recomenda-se a proporção de 6 a 8	
---	---	--

	crianças por professor (no caso de crianças de zero e um ano), 15 crianças por professor (no caso de criança de dois e três anos) e 20 crianças por professor (nos agrupamentos de crianças de quatro e cinco anos). Programas de formação continuada dos professores e demais profissionais também integram a lista de requisitos básicos para uma Educação Infantil de qualidade. Tais programas são um direito das professoras e professores no sentido de aprimorar sua prática e desenvolver a si e a sua identidade profissional no exercício de seu trabalho. Eles devem dar-lhes condições para refletir sobre sua prática docente cotidiana em termos pedagógicos, éticos e políticos, e tomar decisões sobre as melhores formas de mediar a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, considerando o coletivo de crianças assim como suas singularidades. Outros pontos fundamentais do trabalho com as famílias são propiciados pela participação destas na gestão da proposta pedagógica e pelo acompanhamento partilhado do desenvolvimento da criança. A participação dos pais junto com os professores e demais profissionais da educação nos conselhos escolares, no acompanhamento de projetos didáticos e nas atividades promovidas pela instituição possibilita agregar experiências e saberes e articular os dois contextos de desenvolvimento da criança. Nesse processo, os pais devem ser ouvidos tanto como usuários diretos do serviço prestado como também como mais uma voz das crianças, em particular daquelas muito pequenas. Preocupações dos professores sobre a forma como algumas crianças parecem ser tratadas em casa – descuido, violência, discriminação, superproteção e outras – devem ser discutidas com a direção de cada instituição para que formas produtivas de esclarecimento e eventuais encaminhamentos possam ser pensados. As creches e pré-escolas se constituem, portanto, em estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de zero a cinco anos de idade por meio de profissionais com a formação específica legalmente determinada, a habilitação para o magistério superior ou médio, refutando assim funções de caráter meramente assistencialista, embora mantenha a obrigação de assistir às necessidades básicas de todas as crianças. As creches e pré-escolas se constituem, portanto, em estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de zero a cinco anos de idade por meio de profissionais com a formação específica legalmente determinada, a habilitação para o magistério superior ou médio, refutando assim	
--	---	--

	funções de caráter meramente assistencialista, embora mantenha a obrigação de assistir às necessidades básicas de todas as crianças. Não bastasse a baixíssima cobertura do atendimento, esses relatórios apontam que são precárias as instalações, são inadequados os materiais e os professores geralmente não possuem formação para o trabalho com essas populações, o que caracteriza uma flagrante ineficácia no cumprimento da política de igualdade em relação ao acesso e permanência na Educação Infantil e uma violação do direito à educação dessas crianças. Uma política que promova com qualidade a Educação Infantil nos próprios territórios rurais instiga a construção de uma pedagogia dos povos do campo – construída na relação intrínseca com os saberes, as realidades e temporalidades das crianças e de suas comunidades – e requer a necessária formação do professor nessa pedagogia. A ampliação das matrículas, a regularização do funcionamento das instituições, a diminuição no número de docentes não-habilitados na Educação Infantil e o aumento da pressão pelo atendimento colocam novas demandas para a política de Educação Infantil, pautando questões que dizem respeito às propostas pedagógicas, aos saberes e fazeres dos professores, às práticas e projetos cotidianos desenvolvidos junto às crianças, ou seja, às questões de orientação curricular. Também a tramitação no Congresso Nacional da proposta de Emenda Constitucional que, dentre outros pontos, amplia a obrigatoriedade na Educação Básica, reforça a exigência de novos marcos normativos na Educação Infantil. A dimensão do cuidado, no seu caráter ético, é assim orientada pela perspectiva de promoção da qualidade e sustentabilidade da vida e pelo princípio do direito e da proteção integral da criança. O cuidado, compreendido na sua dimensão necessariamente humana de lidar com questões de intimidade e afetividade, é característica não apenas da Educação Infantil, mas de todos os níveis de ensino. Na Educação Infantil, todavia, a especificidade da criança bem pequena, que necessita do professor até adquirir autonomia para cuidar de si, expõe de forma mais evidente a relação indissociável do educar e cuidar nesse contexto. A definição e o aperfeiçoamento dos modos como a instituição organiza essas atividades são parte integrante de sua proposta curricular e devem ser realizadas sem fragmentar ações. Educar de modo indissociado do cuidar é dar condições para as crianças explorarem o ambiente de diferentes maneiras (manipulando materiais da natureza ou objetos, observando, nomeando objetos, pessoas ou situações,	
--	--	--

	fazendo perguntas etc) e constroem sentidos pessoais e significados coletivos, à medida que vão se constituindo como sujeitos e se apropriando de um modo singular das formas culturais de agir, sentir e pensar. Isso requer do professor ter sensibilidade e delicadeza no trato de cada criança, e assegurar atenção especial conforme as necessidades que identifica nas crianças. O trabalho com as famílias requer que as equipes de educadores as compreendam como parceiras, reconhecendo-as como criadoras de diferentes ambientes e papéis para seus membros, que estão em constante processo de modificação de seus saberes, fazeres e valores em relação a uma série de pontos, dentre eles o cuidado e a educação dos filhos. O importante é acolher as diferentes formas de organização familiar e respeitar as opiniões e aspirações dos pais sobre seus filhos. Nessa perspectiva, as professoras e professores compreendem que, embora compartilhem a educação das crianças com os membros da família, exercem funções diferentes destas. Cada família pode ver na professora ou professor alguém que lhe ajuda a pensar sobre seu próprio filho e trocar opiniões sobre como a experiência na unidade de Educação Infantil se liga a este plano. Ao mesmo tempo, o trabalho pedagógico desenvolvido na Educação Infantil pode apreender os aspectos mais salientes das culturas familiares locais para enriquecer as experiências cotidianas das crianças. A professora e o professor necessitam articular condições de organização dos espaços, tempos, materiais e das interações nas atividades para que as crianças possam expressar sua imaginação nos gestos, no corpo, na oralidade e/ou na língua de sinais, no faz de conta, no desenho e em suas primeiras tentativas de escrita. Cabe à professora e ao professor criar oportunidade para que a criança, no processo de elaborar sentidos pessoais, se aproprie de elementos significativos de sua cultura não como verdades absolutas, mas como elaborações dinâmicas e provisórias. Trabalha-se com os saberes da prática que as crianças vão construindo ao mesmo tempo em que se garante a apropriação ou construção por elas de novos conhecimentos. Para tanto, a professora e o professor observam as ações infantis, individuais e coletivas, acolhe suas perguntas e suas respostas, busca compreender o significado de sua conduta. As propostas curriculares da Educação Infantil devem garantir que as crianças tenham experiências variadas com as diversas linguagens, reconhecendo que o mundo no qual estão inseridas, por força da própria cultura, é	
--	--	--

	amplamente marcado por imagens, sons, falas e escritas. Nesse processo, é preciso valorizar o lúdico, as brincadeiras e as culturas infantis. A avaliação é instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica na busca de melhores caminhos para orientar as aprendizagens das crianças. Ela deve incidir sobre todo o contexto de aprendizagem: as atividades propostas e o modo como foram realizadas, as instruções e os apoios oferecidos às crianças individualmente e ao coletivo de crianças, a forma como o professor respondeu às manifestações e às interações das crianças, os agrupamentos que as crianças formaram, o material oferecido e o espaço e o tempo garantidos para a realização das atividades. Espera-se, a partir disso, que o professor possa pesquisar quais elementos estão contribuindo, ou dificultando, as possibilidades de expressão da criança, sua aprendizagem e desenvolvimento, e então fortalecer, ou modificar, a situação, de modo a efetivar o Projeto Político-Pedagógico de cada instituição. Conhecer as preferências das crianças, a forma delas participarem nas atividades, seus parceiros prediletos para a realização de diferentes tipos de tarefas, suas narrativas, pode ajudar o professor a reorganizar as atividades de modo mais adequado ao alcance dos propósitos infantis e das aprendizagens coletivamente trabalhadas.	
Base Nacional Comum Curricular para a Educação Básica / Educação Infantil (2017).	Trata-se, portanto, da implantação de uma política educacional articulada e integrada. Para isso, o MEC será parceiro permanente dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios, trabalhando em conjunto para garantir que as mudanças cheguem às salas de aula. As instituições escolares, as redes de ensino e os professores serão os grandes protagonistas dessa transformação (p.5). Referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares, a BNCC integra a política nacional da Educação Básica e vai contribuir para o alinhamento de outras políticas e ações, em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação. p.8 Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica	

	compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades. p.14 A BNCC e os currículos se identificam na comunhão de princípios e valores que, como já mencionado, orientam a LDB e as DCN. Dessa maneira, reconhecem que a educação tem um compromisso com a formação e o desenvolvimento humano global, em suas dimensões intelectual, física, afetiva, social, ética, moral e simbólica. Além disso, BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos. Essas decisões, que resultam de um processo de envolvimento e participação das famílias e da comunidade, referem-se, entre outras ações, a: • contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas; • decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem; p. 16 . selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc.;	
--	--	--

	• conceber e pôr em prática situações e procedimentos para motivar e engajar os alunos nas aprendizagens; • construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos; • selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender; • criar e disponibilizar materiais de orientação para os professores, bem como manter processos permanentes de formação docente que possibilitem contínuo aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem; • manter processos contínuos de aprendizagem sobre gestão pedagógica e curricular para os demais educadores, no âmbito das escolas e sistemas de ensino. Essas decisões precisam, igualmente, ser consideradas na organização de currículos e propostas adequados às diferentes modalidades de ensino (Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola, Educação a Distância), atendendo-se às orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais. No caso da Educação Escolar Indígena, por exemplo, isso significa assegurar competências específicas com base nos princípios da coletividade, reciprocidade, integralidade, espiritualidade e alteridade indígena, a serem desenvolvidas a partir de suas culturas tradicionais reconhecidas nos currículos dos sistemas de ensino e propostas pedagógicas das instituições escolares. Significa também, em uma perspectiva intercultural, considerar seus projetos educativos, suas cosmologias, suas lógicas, seus valores e princípios pedagógicos próprios (em consonância com a Constituição Federal, com as Diretrizes Internacionais da OIT – Convenção 169 e com documentos da ONU e Unesco sobre os direitos indígenas) e suas referências específicas, tais como: construir currículos interculturais, diferenciados e bilíngues, seus sistemas próprios de ensino e aprendizagem, tanto dos conteúdos universais quanto dos conhecimentos indígenas, bem como o ensino da língua indígena como primeira língua. É também da alçada dos entes federados responsáveis pela implementação da BNCC o reconhecimento da experiência curricular existente em seu âmbito de atuação. Nas duas últimas décadas, mais da metade dos Estados e muitos Municípios vêm elaborando currículos para seus respectivos sistemas de	
--	---	--

	ensino, inclusive para atender às especificidades das diferentes modalidades. Muitas escolas públicas e particulares também acumularam experiências de desenvolvimento curricular e de criação de materiais de apoio ao currículo, assim como instituições de ensino superior construíram experiências de consultoria e de apoio técnico ao desenvolvimento curricular. Inventariar e avaliar toda essa experiência pode contribuir para aprender com acertos e erros e incorporar práticas que propiciaram bons resultados. p.17 e 18. A primeira tarefa de responsabilidade direta da União será a revisão da formação inicial e continuada dos professores para alinhá-las à BNCC. A ação nacional será crucial nessa iniciativa, já que se trata da esfera que responde pela regulação do ensino superior, nível no qual se prepara grande parte desses profissionais. Diante das evidências sobre a relevância dos professores e demais membros da equipe escolar para o sucesso dos alunos, essa é uma ação fundamental para a implementação eficaz da BNCC. p.21 Ainda, é preciso acompanhar tanto essas práticas quanto as aprendizagens das crianças, realizando a observação da trajetória de cada criança e de todo o grupo – suas conquistas, avanços, possibilidades e aprendizagens. Por meio de diversos registros, feitos em diferentes momentos tanto pelos professores quanto pelas crianças (como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos), é possível evidenciar a progressão ocorrida durante o período observado, sem intenção de seleção, promoção ou classificação de crianças em “aptas” e “não aptas”, “prontas” ou “não prontas”, “maduras” ou “imaturas”. Trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças. p.37	
Plano Nacional de Educação – PNE (2014 a 2024).	META 15 Garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 (um) ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei n 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam. META 16 Formar, em nível de pós-graduação, 50% (cinquenta por cento) dos professores da educação básica, até o último ano de vigência deste PNE, e garantir a todos (as) os (as) profissionais da educação básica formação	

	continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino. META 17 Valorizar os (as) profissionais do magistério das redes públicas de educação básica de forma a equiparar seu rendimento médio ao dos (as) demais profissionais com escolaridade equivalente, até o final do sexto ano de vigência deste PNE META 18 Assegurar, no prazo de 2 (dois) anos, a existência de planos de Carreira para os (as) profissionais da educação básica e superior pública de todos os sistemas de ensino e, para o plano de Carreira dos (as) profissionais da educação básica pública, tomar como referência o piso salarial nacional profissional, definido em lei federal, nos termos do inciso VIII do art. 206 da Constituição Federal Art. 2º São diretrizes do PNE: IX - valorização dos (as) profissionais da educação;	
--	--	--

Fonte: Elaboração pelo pesquisador com base na leitura dos documentos.

*As informações do Quadro 1 foram registradas conforme encontradas.

A leitura dos dados do **Quadro 1** permite pôr em destaque algumas ideias centrais presentes nos documentos analisados:

- As orientações dos documentos destinam-se aos servidores públicos civis da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, da administração direta, autárquica e das fundações públicas e privadas;
- Formação específica e permanente para os profissionais que atuam no cuidado diário de crianças na primeira infância;
- Políticas para a primeira infância articuladas com as instituições de formação profissional;
- Associação entre teorias e práticas mediante estágios supervisionados e capacitação em serviço;
- Formação de docentes em nível superior, em curso de licenciatura plena;
- Formação continuada e capacitação dos profissionais de magistério também a distância;
- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil para orientar: políticas, formação de professores e demais profissionais, Projeto Político-Pedagógico, informação das famílias das crianças sobre o trabalho pedagógico;
- Gestão democrática da proposta curricular e Projeto Político-Pedagógico com participação coletiva de professores, demais profissionais da instituição, famílias, comunidade e crianças;

- Respeito à dignidade da criança como pessoa humana nas práticas cotidianas na instituição;
- O número de crianças por professor para possibilitar atenção, responsabilidade e interação com as crianças e suas famílias – proporção recomendada: 6 a 8 crianças (de zero e um ano), 15 crianças (de dois e três anos) e 20 crianças (de quatro e cinco anos);
- Atenção à forma como algumas crianças parecem ser tratadas em casa – descuido, violência, discriminação, superproteção e outras – devem ser discutidas com a direção de cada instituição;
- Política para Educação Infantil nos territórios rurais com construção de uma pedagogia dos povos do campo;
- Ampliação das matrículas, regularização do funcionamento das instituições, diminuição no número de docentes não-habilitados na Educação Infantil;
- Relação indissociável do educar e cuidar;
- Articular condições de organização dos espaços, tempos, materiais e interações nas atividades para que as crianças possam expressar;
- Avaliação como instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica;
- BNCC como parte da política nacional da Educação Básica e referência nacional obrigatória para os currículos e propostas pedagógicas das instituições escolares dos sistemas e redes escolares dos Estados, Distrito Federal e Municípios;
- Formação inicial e continuada dos professores alinhadas à BNCC como tarefa de responsabilidade direta da União.

Cabe destacar ainda que a menção sobre “os professores e as professoras”, na Meta 15 do PNE e no DCNEI, não faz referência exclusivamente à docência masculina ou feminina, porém, ao diferenciar o gênero subentende-se que o documento reconhece a presença do homem e da mulher na sala de aula da educação infantil.

Nota-se também que se faz uso da palavra “professor” de modo genérico, ou seja, quando se diz “professor”, os documentos se referem a ambos os gêneros.

5 RESULTADOS OBTIDOS E ALGUMAS DISCUSSÕES

Esta seção destina-se a apresentar os resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas, reunidos em quadros-síntese de informações com vistas a responder às questões, objetivos e hipótese norteadores da pesquisa, conforme mostram os **Quadros 2 e 3** a seguir.

O trabalho realizado para organização e apresentação dos dados comportou, conforme já anunciado, a leitura atenta das transcrições das entrevistas para pôr em destaque os dados mais relevantes de todo o material coletado.

Os **Quadros 2 e 3** apresentados a seguir reúnem esses dados, para responder à seguinte questão de pesquisa:

Que dizem professores (homens e mulheres), gestores e pais de alunos da escola alvo da pesquisa, sobre a docência masculina na educação infantil?

E à hipótese:

O sentido que professores homens atribuem a si próprios como professores de crianças pequenas está ligado às relações que conseguem estabelecer em uma profissão socialmente definida como feminina. As formas de definir a docência masculina na educação infantil se constroem num processo contínuo de resistência e de acomodação às expectativas e normas da escola, dos pares, dos superiores, das famílias e dos próprios alunos, demarcando fronteiras entre professores.

5.1 Quem são os sujeitos da pesquisa

O Quadro 2, apresentado a seguir, reúne essas informações.

Quadro 2: Quem são os sujeitos de pesquisa: professores / professoras / gestores e pais

Sujeitos	Perfis
Professores homens da docência infantil	
Prof. 1 -38 anos. -Solteiro. -14 anos na docência.	É um professor dedicado, formado em pedagogia e geografia, que organiza seu dia com bastante disciplina e comprometimento. Mora perto de uma das escolas em que trabalha, mas também enfrenta deslocamentos para atuar em outra cidade. Sua rotina começa cedo, por volta das 5h30, e envolve atividades com crianças em dois turnos: pela manhã, trabalha com o pré no contraturno de uma escola de período integral, e à tarde, com crianças do maternal II, em uma escola onde ele é o professor regular. Após seu segundo turno, sua agenda continua movimentada com fisioterapia e academia, refletindo sua preocupação com a saúde e bem-estar. Mesmo com o cansaço de um dia cheio, ele se dedica à preparação do material pedagógico para o dia seguinte e aos estudos focados em concursos, com leituras voltadas para autores pedagógicos e disciplinas variadas como português, matemática e informática.

	Sua vida pessoal é tranquila, ele valoriza momentos em família e gosta de praticar atividades físicas como ciclismo. Nos fins de semana, além de sair com seus familiares, também trabalha ocasionalmente como garçom, mostrando seu espírito trabalhador e dinâmico. Embora tenha começado sua jornada no magistério cedo, só depois de experiências em outros setores, ele encontrou sua vocação na educação infantil, área na qual tem se especializado e se desenvolvido ao longo dos anos.
Prof. 2 -35 anos. -Solteiro. -2 anos na docência.	Ele é um professor dedicado, formado em pedagogia, enfrentando uma rotina intensa de deslocamento diário entre sua casa e a escola. Mesmo cansado, ele leva o trabalho para casa, organizando atividades e materiais pedagógicos, como dobraduras e outras tarefas que demandam tempo e dedicação. No início de sua carreira, ele enfrentou dificuldades com a comunicação, especialmente com os pais e as crianças, o que o deixou ansioso. Contudo, com o tempo, ele se adaptou, superando as barreiras e agora se sente mais confiante. Ele trabalha com uma turma de 23 alunos, incluindo dois autistas, e busca proporcionar atividades criativas e envolventes. Um dos momentos marcantes foi ajudar uma aluna que tinha dificuldade em interagir com homens, e a evolução dela teve um impacto positivo até na relação com a avó. Mesmo enfrentando o preconceito por ser homem na educação infantil, ele se orgulha dos avanços de seus alunos. Sua experiência como professor, mesmo sendo o primeiro ano, tem sido enriquecedora, e ele reconhece o progresso que seus alunos estão fazendo. Recebe elogios dos pais e da gestora, que reconhecem seu esforço e dedicação. Apesar de não ter o hábito de ler tanto quanto antes e de não praticar exercícios físicos atualmente, ele reconhece a importância de se cuidar.
Prof. 3 -42 anos. -Casado. -19 anos na docência.	Ele é um professor dedicado, casado e pai de uma menina, que enfrenta uma rotina equilibrada entre trabalho e família. Pela manhã, atua como professor de Educação Infantil na Etapa I e, à tarde, se envolve no projeto de Escola Integral, onde ensina musicalização. À noite, dedica-se aos afazeres domésticos e a estar com a família. Com uma paixão pela leitura em inglês, ele busca aprimorar suas habilidades linguísticas. Embora assista a filmes, prefere clássicos e produções menos populares, como: blockbusters. A televisão raramente faz parte de sua rotina, sendo ligada principalmente para acompanhar jogos de futebol, que ele também gosta de ouvir pelo rádio. Além de professor, ele é músico, e aos finais de semana, dedica-se à música, embora não pratique atividade física há anos. Formado no curso de aperfeiçoamento do magistério (C.E.F.A.M) em 2002, ele concluiu Pedagogia pela Universidade Federal de São João Del Rei em 2018 e, em 2023, obteve sua segunda licenciatura em Língua Portuguesa e Inglesa. Desde 2005, é concursado como professor em um pequeno município de São Paulo, onde já participou de diversos projetos voltados ao ensino integral e reforço escolar para alunos com dificuldades de aprendizagem.
Professoras entrevistadas	
Profa. 1 -61 anos. -Casada. -13 anos na docência e 18 na gestão.	Ela é uma professora experiente e dedicada, casada e mãe de duas filhas adultas, já formadas. Sua rotina é bastante corrida, pois dá aulas para duas turmas, uma de Jardim e outra de segundo ano, e passa o dia todo na mesma escola. Mesmo morando relativamente perto, precisa ir de carro, e seu intervalo entre as turmas é curto, o que torna seu horário de almoço apertado. Ao chegar em casa, além dos afazeres domésticos, ainda precisa se dedicar ao planejamento de aulas e à preparação de atividades, muitas vezes trabalhando à noite para organizar materiais ou imprimir o que será utilizado no dia seguinte. Ela reconhece que, fora da sala de aula, há muito trabalho que não é visível, desde a pesquisa de atividades até o planejamento detalhado. Acredita que dizer que o professor só trabalha em sala é o mesmo que dizer que um jogador de futebol só trabalha durante o jogo. Mesmo assim, apesar da carga de trabalho, gosta de viajar e valoriza as oportunidades de aprender durante as viagens. Recentemente, visitou cidades históricas como Ouro Preto, São Tomé das Letras e Tiradentes, onde aprendeu mais sobre a cultura e figuras como Aleijadinho. Ela adora cinema, mas como na cidade onde mora o cinema é limitado, aproveita quando vai a cidades maiores para assistir a filmes, mesmo que não lembre os nomes depois (risos).

	Também não assiste muita televisão, preferindo acompanhar documentários ou vídeos voltados para temas de religião, cultura e desenvolvimento pessoal. Gosta de assistir palestras de figuras como Mario Sergio Cortella, Leandro Karnal e o neurocientista Pedro Calabrez, que relaciona o estilo de vida às reações cerebrais. Além disso, é muito religiosa e reza com frequência, buscando equilíbrio em sua vida pessoal e profissional. Na educação, sua trajetória é extensa e marcada por várias formações e funções. Ela começou pelo magistério, fez Pedagogia Plena e, ao longo dos anos, concluiu três pós-graduações: uma em Didática, outra em Direito Educacional e a mais recente em Gestão da Educação Municipal pela UFSCAR, quando trabalhou na Secretaria da Educação. Com mais de 30 anos de experiência na educação, foi formadora do curso "Letra e Vida" por cinco anos, o que fez grande diferença em sua visão sobre alfabetização. Trabalhou na formação de professores, foi coordenadora do curso de Pedagogia e lecionou em uma faculdade, ensinando disciplinas como Didática e Fundamentos da Educação Infantil. Além disso, ocupou diversos cargos de gestão, tendo sido Secretária da Educação por três vezes e Supervisora de Ensino por 17 anos. Sua paixão sempre foi o acompanhamento da prática pedagógica e a formação de professores, pois acredita que a sala de aula é um espaço desafiador, onde se lida com diferentes tempos e modos de aprendizagem.
Profa. 2 -56 anos. -Casada. -34 anos na docência.	Ela é uma professora dedicada, casada e mãe de dois filhos adultos. Seu filho se formou em Filosofia, está fazendo Teologia e é monge cisterciense em um mosteiro. Sua filha foi monja carmelita por seis anos, mas saiu, e agora está tentando seguir em outro mosteiro. Embora não more longe da escola, ela precisa ir de carro todos os dias. Atualmente, trabalha meio período com sua turma de pré-escola, após muitos anos ensinando no Jardim. Mesmo tendo horários na escola para preparar as atividades, o tempo nunca é suficiente, e ela acaba trazendo trabalho para casa para garantir que tudo corra bem na sala de aula. Ela é apaixonada por leituras religiosas. Sempre que visita o mosteiro do filho ou da filha, aproveita para comprar livros sobre o tema. Lê um pouquinho todos os dias, avançando aos poucos, especialmente se o conteúdo for mais profundo e exigir uma leitura mais pausada. Embora goste de literatura, faz tempo que não lê algo fora do tema religioso. No cinema, não costuma ir com frequência, mas gosta de assistir a filmes em casa, junto com o marido e a filha, principalmente aos domingos após o almoço, um momento em que a família se reúne. Assistir TV também não faz parte de sua rotina, exceto por documentários que falam sobre curiosidades ou vida no campo, tema que ela e o marido adoram. Religiosa, valoriza muito suas orações diárias e acredita que, quando não as faz antes de ir trabalhar, o dia na escola não flui como deveria. Por isso, ela se prepara espiritualmente todas as manhãs, o que a ajuda a enfrentar os desafios do dia. Quanto à atividade física, ela reconhece que sempre foi preguiçosa, mas, por motivos de saúde, começou a seguir um professor na internet que oferece aulas curtas de 15 minutos. Isso tem sido uma necessidade, pois o médico recomendou que ela se movimente devido a problemas de sedentarismo. Agora, ela faz esses exercícios todos os dias e sente que está melhorando. Formada em Magistério e Pedagogia Plena, ela também tem duas pós-graduações: uma em Psicopedagogia e outra em Educação Infantil. Ao longo de sua carreira, fez muitos cursos, mas o que mais a marcou foi o "Letra e Vida", que a ajudou a esclarecer muitas ideias e a aprimorar seu trabalho com as crianças. Atualmente, está fazendo o curso LEEI (Leitura e Escrita na Educação Infantil). Com quase 36 anos de trabalho na prefeitura, ela começou em 1990, após ser aprovada em um concurso público.
Gestor e gestora	
Gestor 1 -43 anos. -Casado.	Ele é casado há 13 anos e pai de uma filha. Mora a apenas 5 minutos da escola, onde exerce a função de diretor. Além de lidar com as responsabilidades burocráticas da escola, sua rotina exige bastante flexibilidade, pois precisa se adaptar constantemente às demandas do dia a dia escolar. Sua vida é agitada, pois além de ser diretor, também atua como vereador. Mesmo assim, tenta encontrar tempo para leituras, especialmente sobre finanças.

-19 anos na docência e 13 anos na direção.	Apaixonado por cinema, vai ao menos três vezes ao mês, com preferência por filmes de ação. Embora assista pouco a TV, quando assiste, gosta de acompanhar jornais e, de vez em quando, seriados. Ele também valoriza a prática de atividades físicas, como caminhadas e musculação, o que considera essencial para manter a disposição necessária para suas múltiplas funções. Na área da educação, já tem 19 anos de experiência. Iniciou sua carreira dando aulas de filosofia e sociologia em um educandário de outra cidade. Depois, foi aprovado em um concurso estadual e retornou para sua cidade, onde deu aulas por 14 anos. Posteriormente, tornou-se vice-diretor e, em 2010, passou em um concurso da prefeitura para diretor. Desde então, atua como diretor em uma escola há 14 anos. Ele é formado em Pedagogia, Filosofia e História, além de possuir três pós-graduações: uma em Gestão, outra em Educação Especial e uma em Filosofia. Fez um mestrado em Educação e, atualmente, está cursando o doutorado na mesma área. Sempre esteve envolvido com os estudos, buscando aprimoramento constante, seja por meio de pós-graduações ou cursos, que nem sempre são voltados exclusivamente para a área da educação – já fez também cursos de finanças e inglês. Com o passar do tempo, ele adquiriu mais maturidade e percebeu que, na escola, o trabalho em equipe é fundamental para o sucesso das atividades e o bom andamento de toda a instituição.
Gestora 2 -56 anos. -Casada. -32 anos de experiência.	Ela é casada há 34 anos e mãe de dois filhos, um de 31 e outro de 25 anos. Mora a apenas 10 minutos da escola, o que facilita sua rotina. Antes de ir para o trabalho, dedica-se às atividades físicas pela manhã e, após um expediente de 8 horas na escola, retorna para casa, onde cuida dos afazeres domésticos. Planeja sua rotina a cada dois dias para manter tudo organizado. Atualmente, ela está focada na leitura do curso LEEI (Leitura e Escrita na Educação Infantil). Não costuma sair muito ou ir ao cinema, preferindo assistir a documentários. Dorme cedo, por volta das 21 horas, devido à sua rotina intensa e ao fato de acordar cedo. Além disso, gosta de ler livros voltados para a área de meditação. Formada em 1992, começou sua trajetória profissional com o magistério e também fez contabilidade. Após se formar, trabalhou um ano com carteira assinada, mas em 1994 foi aprovada em um concurso de educação infantil e, em 1996, em outro de educação especial. Atuou por três anos em sala de aula antes de se tornar coordenadora pedagógica. Teve uma passagem marcante pela APAE, onde trabalhou na educação especial e também foi coordenadora. Ao longo de sua carreira, foi coordenadora e diretora na rede pública de ensino e coordenou o projeto SAEB, voltado para o atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem e deficiência. Embora tenha um carinho especial pela educação especial, hoje se identifica muito com a educação infantil. Possui três pós-graduações nas áreas de Gestão Educacional, Direito Educacional e Gestão em Educação Especial, além de uma em Psicopedagogia. Há dois anos, concluiu sua última pós-graduação em Gestão e atualmente está cursando o LEEI.
Pai e Mãe entrevistados	
Mãe 1 -38 anos. -Casada.	Ela tem 38 anos e é mãe de dois filhos, um que está no jardim e outro que está terminando o Ensino Fundamental 1. A família é o centro da sua vida, e ela adora reunir todos em casa, especialmente nos fins de semana para um churrasco ou um almoço caprichado. A cozinha é sua paixão, principalmente quando pode preparar sobremesas que sua família adora. Apesar de não ser muito fã de exercícios físicos, ela se cuida bastante, sempre mantendo o cabelo arrumado, as unhas feitas e a maquiagem em dia. Nos dias de semana, a rotina é corrida. Ela mora perto da escola, o que ajuda, mas ainda assim leva os filhos de carro. Acorda cedo para organizar tudo, levar as crianças para a escola e depois vai trabalhar como vendedora em uma empresa de peças agrícolas. Ela gosta do que faz e é boa nisso, sempre buscando entender as necessidades dos clientes para

	garantir que voltem a comprar com ela. No fim do dia, depois de voltar para casa, cuida da casa, prepara o jantar e aproveita para passar tempo com os filhos. Nos momentos livres, ela gosta de relaxar com a família. Viajar para a praia ou para parques aquáticos é algo que eles adoram, principalmente em feriados ou nas férias de fim de ano. Quando estão em casa, assistem TV juntos, muitas vezes desenhos ou filmes com as crianças. Ela também curte ver novelas e programas de culinária. Leitura não é uma prioridade, mas ela gosta de folhear revistas e buscar dicas de moda e beleza na internet, sempre atenta às novidades. Com o ensino médio completo, ela fez cursos voltados para vendas e atendimento ao cliente, o que a ajuda muito no trabalho. O contato com os clientes é algo que ela valoriza, criando um relacionamento próximo para garantir a satisfação deles.
Pai 2 -40 anos. -Casado.	Ele tem 40 anos e é pai de dois filhos, um que está no jardim e outro no 5º ano. É muito ligado à família e valoriza os momentos juntos, especialmente nos finais de semana. Ele sempre ajuda a mãe (avó de seus filhos) com os afazeres mais pesados na casa dela e adora fazer um churrasco para a família, uma atividade que todos apreciam. Embora não seja adepto de exercícios físicos, ele não perde uma partida de futebol na TV, algo que faz questão de acompanhar. Durante a semana, a rotina é corrida. Ele acorda cedo, ajuda no que pode em casa antes de sair para o trabalho, enquanto sua esposa leva as crianças para a escola. Mais tarde, é ele quem busca os filhos. No fim do dia, tenta passar um tempo com as crianças para saber como foi o dia delas, antes de todos descansarem. Nos finais de semana, a família gosta de relaxar em casa ou na casa das avós, onde geralmente tem churrasco e momentos de descontração. Embora não sejam grandes fãs de leitura, sua esposa lê de vez em quando, enquanto ele prefere assistir futebol. Cinema é uma atividade rara, mas de vez em quando levam os filhos para assistir a algum filme de animação. Ele é proprietário de uma empresa de peças agrícolas, que fica um pouco longe de casa, mas acessível de carro. Mesmo sendo o dono, ele gosta de "pôr a mão na massa", trabalhando ao lado dos funcionários e ensinando aqueles que não têm experiência, para formá-los do jeito que ele considera ideal. Além do ensino médio, ele se especializou em gestão de negócios e fez vários cursos técnicos voltados para manutenção de máquinas agrícolas, o que ajuda muito no dia a dia da empresa.

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador com base nas respostas às entrevistas.

O exame dos dados do **Quadro 2** revela um perfil dos sujeitos da pesquisa que, em linhas gerais, pode ser assim sintetizado:

Professores e gestores:

- Disciplina e comprometimento com o trabalho na escola;
- Rotina intensa de deslocamento diário;
- Muito trabalho não visível fora da sala de aula: pesquisa de atividades, planejamento de aulas, leituras;
- Já participaram de diversos cargos de gestão;
- Envolvimento com muitos cursos e pós-graduações;
- Baixo envolvimento com esportes;
- Valorização do tempo com a família;
- Televisão raramente faz parte de suas rotinas;

- Participação em atividades religiosas

Pais:

- Rotina corrida;
- Moram perto da escola;
- Têm ensino médio completo;
- Momentos livres são vividos com a família.

5.2 Que dizem os sujeitos entrevistados

No Quadro 3 estão reunidas as manifestações dos diferentes sujeitos entrevistados.

Quadro 3: Visão sobre a docência masculina na educação infantil

Sujeitos	Visões
Professores da docência infantil	
Prof. 1 -38 anos. -Solteiro. -14 anos na docência.	O professor entrevistado relata que sua motivação para atuar na educação infantil veio de seu primeiro contato com essa área. Ele percebeu que não se identificava com o ensino fundamental e médio, mas lidava com as crianças do infantil com maior facilidade, algo que também era reconhecido pelas pessoas ao seu redor. No entanto, destaca os desafios enfrentados por ser homem na educação infantil, especialmente no início da carreira, quando sentiu o preconceito dos pais e familiares. Olhares desconfiados e perguntas como "ele vai ser o professor o ano todo?" marcaram esse início, reforçando a barreira que os homens ainda enfrentam nesta área. Com o tempo, no entanto, ele percebeu que, ao mostrar seu trabalho e conquistar a confiança da comunidade, esse preconceito vai diminuindo. Ele menciona a importância de trabalhar na mesma escola por um período mais longo, para construir laços com os pais e a equipe, pois ao trocar de escola, muitas vezes parece que ele está começando tudo de novo, o que pode ser desmotivador. Para lidar com esse preconceito, ele se vale de sua experiência e formação, deixando claro nas reuniões com os pais que já tem uma trajetória na educação infantil. Outro ponto que ele ressalta é a necessidade de sempre ter uma pessoa, geralmente uma estagiária, para acompanhá-lo em atividades mais delicadas, como levar as crianças ao banheiro. Ele percebe que os pais ficam curiosos e até preocupados com essas questões, então ele faz questão de explicar que nunca está sozinho nessas situações. Apesar de parecer uma explicação desnecessária, ele prefere esclarecer para evitar mal-entendidos. Ele relata que em escolas onde já é conhecido, o preconceito diminui, mas pais novos ou vindos de outros bairros ainda demonstram desconfiança. Ele relembra um episódio em que uma mãe ficou surpresa ao descobrir que ele era o professor de seu filho, mostrando que, mesmo com avanços, o preconceito ainda persiste. O professor também observa que a linguagem nas formações continuadas, materiais pedagógicos e documentos da secretaria de educação é muitas vezes direcionada ao gênero feminino, como o uso constante do termo "professora". Ele entende que isso se deve ao grande número de mulheres na área, mas nota que esse tipo de tratamento reforça a ideia de que a educação infantil é um espaço majoritariamente feminino. Por fim, ele destaca que as formações e cursos oferecidos pela escola, apesar de não diferenciarem entre homens e mulheres, o ajudaram a lidar melhor com crianças com necessidades especiais, motivando-o a continuar se aperfeiçoando na profissão.

Prof. 2 -35 anos. -Solteiro. -2 anos na docência.	O professor entrevistado inicialmente não tinha interesse pela educação infantil, preferindo o ensino fundamental. No entanto, devido às circunstâncias, acabou lecionando no maternal, onde já tinha alguma experiência ao trabalhar com uma aluna autista. Ele se mostra apaixonado pelo que faz, embora reconheça os desafios, como o contato com as crianças e o controle do tom de voz, que às vezes o faz parecer mais autoritário do que gostaria. Apesar de não gostar de aplicar punições, ele recorre a estratégias, como a promessa de não ir ao parquinho, para manter a disciplina em sala de aula. O professor destaca que sua chegada à escola foi bem recebida, e os gestores valorizaram sua presença como um homem na educação infantil. Ele percebe que essa escassez de professores homens pode estar ligada a estereótipos e preconceitos, especialmente considerando sua orientação sexual. No entanto, sua abordagem comunicativa e tranquila conquistou a simpatia dos alunos e dos pais, que se mostraram receptivos e agradecidos pelo trabalho que ele realiza. Embora tenha enfrentado alguns preconceitos, ele se sente apoiado pela direção da escola e pelas colegas, que sempre estão dispostas a ajudá-lo. Para ele, o apoio da gestão e a comunicação aberta com os pais são fundamentais para seu sucesso como professor. Apesar de não perceber diferenças no tratamento que recebe por ser homem, ele se mostra atento a essas questões e valoriza a recepção calorosa que recebeu desde o início. O professor enfatiza que a formação docente deve ser inclusiva e que é importante que as abordagens educativas não sejam restringidas por gênero, promovendo assim um ambiente mais igualitário na educação infantil.
Prof. 3 -42 anos. -Casado. -19 anos na docência.	O professor entrevistado, durante seus estudos no C.E.F.A.M., descobriu que tinha mais afinidade com a educação infantil por seu caráter lúdico e dinâmico, em comparação com a rigidez do ensino fundamental. No entanto, ele enfrentou o desafio de se firmar na profissão, lidando com a desconfiança de que um homem poderia cuidar de crianças pequenas como uma mulher. No início de sua carreira, ele era o único professor homem na educação infantil da sua cidade, o que gerava tabus e estereótipos sobre o papel masculino na docência. Com o tempo, a situação mudou e ele passou a atuar em turmas do maternal e até do berçário, conforme a necessidade da escola. Esse reconhecimento de seu papel como educador ajudou a quebrar preconceitos e abriu espaço para outros professores homens na área. Ele percebeu que, ao ver a confiança e a evolução dos alunos, os pais e a comunidade deixavam de lado suas preocupações iniciais. Hoje, depois de anos de atuação no mesmo município, o professor é bem conhecido por sua dedicação e compromisso com a educação infantil. Ele nunca enfrentou problemas com pais em razão de seu gênero e destaca que, em sua formação e nas atividades oferecidas pela secretaria de educação, nunca houve direcionamento específico relacionado ao gênero. A experiência dele mostra que, apesar dos preconceitos existentes na sociedade, a presença masculina na educação infantil pode ser valorizada e respeitada, contribuindo para um ambiente escolar mais inclusivo.
Professoras entrevistadas	
Profa. 1 -61 anos. -Casada. -13 anos na docência e 18 na gestão.	A professora entrevistada acredita que a presença masculina na educação infantil tem um impacto muito positivo. Ela destaca que, historicamente, o magistério com crianças é visto como uma profissão feminina, e a entrada de professores homens traz uma nova dinâmica para o ambiente escolar. Essa presença permite que as crianças estabeleçam um vínculo com uma figura masculina, algo que nem sempre é comum em suas vidas, principalmente em contextos familiares onde a figura do pai pode estar ausente. Ela observa que, no início, pode haver estranheza tanto por parte das crianças quanto dos pais, especialmente em creches. No entanto, essa resistência inicial diminui rapidamente à medida que os pais conhecem o trabalho do professor e percebem que ele é capaz de cuidar e ensinar as crianças com sensibilidade. A professora ressalta que, após esse período de adaptação, a figura masculina se torna parte da comunidade escolar, e a relação entre professor e alunos se fortalece. Ela também comenta que, embora exista uma expectativa em relação à sensibilidade dos homens para trabalhar com crianças pequenas, os professores homens que ela conheceu têm demonstrado grande empatia e compreensão das necessidades das crianças. Para ela, a

	formação dos professores, independentemente do gênero, deve ser a mesma, focando no aprendizado e nas técnicas pedagógicas necessárias para o desenvolvimento infantil. No geral, a professora defende que a representatividade masculina na educação infantil é essencial e traz benefícios significativos, contribuindo para uma educação mais rica e diversificada para as crianças.
Profa. 2 -56 anos. -Casada. -34 anos na docência.	A professora entrevistada acredita que a presença masculina na educação infantil impacta as crianças de forma muito positiva. Ela destaca que, como as crianças estão mais acostumadas com professoras, a chegada de homens nas escolas traz uma nova dinâmica. Essa figura masculina, muitas vezes comparada à do pai, transmite segurança e firmeza, ajudando as crianças a entenderem limites e a desenvolverem relacionamentos saudáveis. Ela menciona que, inicialmente, pode haver insegurança e expectativa dos pais sobre a eficácia de um homem na educação infantil. No entanto, à medida que os professores homens demonstram suas competências e habilidades de cuidado, essas preocupações desaparecem. As famílias começam a perceber que os homens podem lidar bem com as necessidades das crianças e se tornam parte da comunidade escolar. A professora reconhece que, apesar de alguns desafios, como crianças que podem ter experiências negativas com figuras masculinas em casa, os professores homens têm mostrado que são sensíveis e capazes de atender às peculiaridades de cada criança. Ela enfatiza que o vínculo que os alunos criam com esses professores pode suprir a ausência de uma figura paterna em suas vidas. Além disso, a professora ressalta que a formação dos educadores, independentemente do gênero, deve ser a mesma, já que todos precisam desenvolver habilidades técnicas para atender às necessidades das crianças. Em geral, ela acredita que a presença de homens na educação infantil é benéfica e que, com o tempo, as expectativas negativas dos pais se dissipam, reconhecendo o valor do trabalho desses professores.
Gestor e gestora	
Gestor 1 -43 anos. -Casado. -19 anos na docência e 13 anos na direção.	O gestor entrevistado fala sobre a presença masculina na educação infantil e como ela vem se tornando mais comum ao longo do tempo. Ele explica que a escolha dos professores nas escolas públicas é feita com base em critérios de mérito, sem distinção entre homens e mulheres. Embora no passado a maioria das educadoras fosse do gênero feminino, hoje há um aumento significativo do número de homens atuando nesse nível de ensino. Ele enfatiza que não existem leis específicas que tratem da presença de homens na educação infantil, e as iniciativas de formação e condições de trabalho são as mesmas para todos os professores, independentemente do gênero. A formação continuada é obrigatória para quem trabalha na educação infantil, e todos os professores, sejam homens ou mulheres, devem se adaptar às necessidades das crianças. O gestor reconhece que, em algumas famílias, pode haver um certo receio em relação à figura masculina na educação infantil, visto que muitas pessoas ainda associam o cuidado com crianças a um papel feminino. No entanto, ele observa que a maioria das famílias já aceita a presença de homens nesse ambiente. Caso haja resistência por parte de alguma família, o gestor acredita que sua função seria conscientizá-las de que não há mais distinção entre homens e mulheres na educação infantil. Ele também menciona que, do ponto de vista das crianças, não há rejeição em relação aos professores homens. Ao observar as interações, ele percebe que os alunos se sentem à vontade para abraçar tanto os professores homens quanto as professoras, demonstrando que para eles a presença masculina é normal e aceita.
Gestora 2 -56 anos. -Casada. -32 anos de experiência.	A gestora entrevistada fala sobre a presença masculina na educação infantil e destaca que, apesar de haver poucos homens nessa área, o acesso não é limitado a mulheres; depende do mérito de cada profissional. Ela observa que, culturalmente, a profissão de professor não é mais tão valorizada como antes, e os pais costumam incentivar os filhos a seguirem carreiras em áreas como medicina ou direito, em vez de optarem pela docência. Ela explica que as responsabilidades dos professores são as mesmas, independentemente do gênero, e que todos devem cuidar das crianças, mesmo que isso signifique fazer atividades que, à primeira vista, possam parecer mais associadas às mulheres. A gestora também menciona

	que não há necessidade de fiscalizar a atuação dos professores homens de forma diferente; a confiança deve ser a mesma para todos. Um ponto importante que ela levanta é a associação cultural que se faz entre o “cuidar” e o feminino, que ainda está enraizada na sociedade, fazendo com que muitas pessoas questionem a presença de homens em atividades que envolvem cuidado, como levar crianças ao banheiro. Ela compartilha uma experiência em que uma mãe expressou preocupação sobre um professor ter pegado na mão de sua filha, associando isso a casos de abuso. A gestora respondeu de forma tranquila, lembrando que a segurança deve ser uma preocupação para todos, independentemente de gênero, e que não houve queixas sobre o professor. Ela também destaca que, do ponto de vista das crianças, não há preconceito em relação aos professores homens; elas demonstram carinho e afeto normalmente. O preconceito em relação à figura masculina na educação infantil, segundo ela, ainda existe, mas as crianças geralmente não têm esse tipo de visão, que muitas vezes é influenciada pelos adultos ao seu redor.
Pai e Mãe entrevistados	
Mãe 1 -38 anos. -Casada.	A mãe entrevistada compartilha seu receio em relação à presença de professores homens na educação infantil. Embora reconheça que nem todos sejam ruins, ela admite que fica atenta, especialmente com crianças pequenas. Ela observa que, geralmente, as professoras são mais carinhosas e atenciosas, enquanto os professores homens parecem ser mais práticos e diretos, o que pode ser positivo, mas depende das necessidades de cada criança. Ela menciona que seu filho adora o professor, chamando-o de "tio", o que a faz achar que é importante ter modelos masculinos na vida das crianças. No entanto, seu receio persiste, especialmente em relação à capacidade dos homens de serem tão cuidadosos e atentos quanto as mulheres, já que ela acredita que as mulheres são mais rápidas e conseguem realizar várias tarefas ao mesmo tempo. Além disso, a mãe se preocupa com como os professores homens lidam com as crianças e se eles têm a mesma paciência e carinho das professoras. Embora na escola de seu filho os professores não levem as crianças ao banheiro — tarefa das estagiárias — ela ficaria mais preocupada se isso acontecesse. Ela também acredita que os alunos podem se comportar de forma diferente com professores homens, talvez mostrando mais respeito ou até medo, dependendo de como o professor se relaciona com as crianças. Apesar de suas preocupações, a mãe se esforça para conversar com seu filho sobre o dia a dia na escola, garantindo que ele esteja feliz e bem cuidado, independentemente de quem seja o professor.
Pai 2 -40 anos. -Casado.	O pai entrevistado vê de forma positiva a presença de homens como professores na educação infantil. Ele acredita que esses educadores podem trazer uma perspectiva diferente e colaborar com o jeito de ensinar. Para ele, os homens tendem a ser mais brincalhões e práticos no relacionamento com as crianças, enquanto as mulheres são mais cuidadosas e focadas nos detalhes. Ele ressalta que ter homens na escola é benéfico, especialmente para crianças que não têm uma figura paterna presente em casa. O professor pode representar esse papel, ajudando a suprir essa ausência. O pai não sente preocupação com a atuação dos professores homens, desde que sejam qualificados e tratem bem as crianças. Além disso, ele acredita que a presença de adultos de diferentes gêneros pode fazer com que as crianças se sintam mais seguras, já que os meninos podem se identificar mais com os professores homens. Ele comenta que esses educadores podem ensinar coisas que, em algumas situações, as professoras podem não estar tão dispostas a ensinar. O pai observa que seu filho sempre fala bem do professor e se dá muito bem com ele. Essa relação é importante para o desenvolvimento e aprendizado do menino, especialmente em dias em que ele, como pai, chega cansado em casa e não consegue dedicar tanto tempo aos filhos.

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador com base nas respostas às entrevistas.

No **Quadro 3**, a leitura dos dados sugere algumas características na visão sobre a docência masculina na educação infantil expressa pelos professores, professoras, gestores e pais nas entrevistas:

Professores/as e gestores/as

- Percebem desafios e preconceitos por ser homem na educação infantil, especialmente no início da carreira;
- Dificuldades com a comunicação, especialmente com os pais e as crianças;
- Mostrar seu trabalho permite conquistar a confiança da comunidade e o preconceito vai diminuindo;
- Trabalhar na mesma escola por um período mais longo, ajuda a construir laços com os pais e a equipe;
- Necessidade de sempre ter uma pessoa, geralmente uma estagiária, para acompanhar o professor em atividades como levar as crianças ao banheiro;
- São desafios, como o contato com as crianças e o controle do tom de voz, que os professores homens enfrentam;
- Importância do apoio da direção da escola e colegas;
- A presença masculina na educação infantil pode ter um impacto muito positivo, trazendo uma nova dinâmica para o ambiente escolar;
- Após um período de adaptação, a figura masculina se torna parte da comunidade escolar e a relação entre professor e alunos se fortalece;
- A escolha dos professores nas escolas públicas é feita com base em critérios de mérito, sem distinção entre homens e mulheres;
- Não existem leis específicas que tratem da presença de homens na educação infantil;
- As iniciativas de formação e condições de trabalho são as mesmas para todos os professores, independentemente do gênero;
- Do ponto de vista das crianças, não há rejeição em relação aos professores homens.

Pais

- Reconhecem que ficam atentos, especialmente com crianças pequenas;
- Reconhecem a importância de ter modelos masculinos na vida das crianças;
- Mencionam receio em relação à capacidade dos homens de serem tão cuidadosos e atentos quanto as mulheres;
- Consideram que os professores não devem levar as crianças ao banheiro;
- Veem de forma positiva a presença de homens como professores na educação infantil porque acreditam que eles têm um outro jeito de ensinar;

- Consideram que a presença de professores homens na escola é benéfica, especialmente para crianças que não têm uma figura paterna presente em casa;
- Observam se o filho sempre fala bem do professor.

Algumas Discussões

Esta seção teve como objetivo apresentar e interpretar os dados obtidos na pesquisa, com foco no perfil e visão dos sujeitos entrevistados.

No caso específico do **Quadro 2**, a análise permite destacar as características gerais dos dois grupos principais de participantes: professores, professoras e gestores, de um lado e, de outro lado, pais.

Para os **professores, professoras e gestores**, o perfil revela um grupo comprometido com a educação e com suas responsabilidades profissionais, apresentando muita disciplina e envolvimento com o trabalho escolar. A rotina desses profissionais é descrita como intensa, com frequentes deslocamentos diários e uma carga de trabalho muitas vezes invisível, composta por atividades de planejamento, pesquisa de novas metodologias e leituras. Além disso, é notável o envolvimento em diversas atividades acadêmicas, como cursos e pós-graduações, o que denota uma busca constante por aprimoramento profissional. Contudo, o tempo dedicado a atividades físicas e esportivas é baixo, e, no que se refere ao lazer, a televisão raramente é incorporada à rotina desses profissionais, que preferem dedicar seu tempo livre à família e a atividades religiosas.

Por outro lado, o perfil dos pais indica uma rotina também corrida, mas com algumas diferenças marcantes em relação aos professores e gestores. A proximidade com a escola, por exemplo, facilita a gestão do tempo, já que esses pais residem nas imediações da instituição. Em termos de formação acadêmica, a maioria dos pais possui o ensino médio completo. O tempo livre, quando disponível, é majoritariamente dedicado à convivência familiar, evidenciando a importância que atribuem à vida familiar em casa.

Já no **Quadro 3** os professores, professoras e gestores, encontram desafios iniciais, como preconceito e dificuldades de comunicação com crianças e pais, mas reiteram que, com o tempo, a confiança é conquistada e o preconceito diminui. Além disso, destacam a importância de apoio, como a presença de estagiárias, para atividades consideradas mais “delicadas” (como banho, ida ao banheiro, troca de roupa). Apesar disso, a presença masculina é vista positivamente, especialmente no sentido de trazer uma nova dinâmica para a escola.

Os pais geralmente têm uma visão positiva sobre professores homens na educação infantil, reconhecendo a importância de modelos masculinos na educação das crianças, especialmente para aquelas que não têm figuras paternas em casa. No entanto, alguns expressam receio sobre a capacidade dos homens de serem tão cuidadosos quanto as mulheres, especialmente em atividades como “levar as crianças ao banheiro”. Mesmo assim, a presença de professores homens é considerada benéfica, principalmente pelo “jeito diferente” de ensinar.

A presença dos professores homens na educação infantil ainda gera muitas discussões, especialmente quando falamos das relações de gênero e dos estereótipos que existem na sociedade. Para entender melhor essa questão, é importante pensar sobre como os professores homens são percebidos, as dificuldades que enfrentam e como as escolas podem contribuir para uma educação mais inclusiva.

As semelhanças e diferenças entre os professores, as professoras, os gestores e as famílias podem ser vistas em como as pessoas lidam com a presença de homens na educação infantil. Em geral, a sociedade associa a docência infantil ao feminino, ao cuidado e à empatia. Como apontam alguns estudos, como o de Cardoso (2007), os professores homens muitas vezes precisam lidar com a ideia de que o cuidado infantil é uma função feminina. Isso pode fazer com que eles sintam que precisam provar sua competência e quebrar preconceitos sobre sua atuação.

Já as famílias, muitas vezes, têm uma visão mais tradicional de que a educação infantil é algo relacionado ao papel das mulheres, e isso pode gerar certo desconforto ao ver um homem nesse espaço. Isso fica claro no trabalho de Carvalho (1998), que observa como o trabalho das professoras foi historicamente associado ao cuidado, algo que os homens, por serem socialmente vistos como mais autoritários, acabam tendo que “reconquistar” nesse cenário.

Entretanto, o papel do professor homem na educação infantil também pode ser visto como uma oportunidade de desafiar essas ideias tradicionais e apresentar aos alunos uma referência diferente, onde o cuidado não precisa ser exclusivo de um gênero.

O preconceito relacionado ao gênero é um dos maiores desafios para os professores homens. Como destaca Perrenoud (2003), é essencial que os educadores, independentemente do gênero, sejam bem formados e atualizados sobre as questões que envolvem o desenvolvimento infantil. Isso inclui o cuidado e a educação das crianças pequenas, que exigem uma abordagem sensível e capacitada. No caso dos homens, esse cuidado é visto com certo

estranhamento por muitas pessoas, e os professores precisam lidar com a expectativa de que o cuidado é algo mais "natural" para as mulheres.

O estudo de Mattos (2011) também nos lembra que a docência com crianças pequenas exige uma pedagogia do cuidado, onde o vínculo físico e emocional é muito forte. E é justamente nesse aspecto que muitos homens na profissão enfrentam dificuldades. Eles precisam desenvolver um equilíbrio entre o cuidado e a autoridade, algo que é mais facilmente aceito para as mulheres, devido à construção social de gênero.

A formação dos professores é fundamental para que a educação infantil se torne mais inclusiva e sensível às questões de gênero. O estudo de Duarte (2012) destaca que os professores, especialmente os que atuam com bebês, devem ser preparados para lidar com o cuidado de forma integrada à educação, sem separar essas dimensões. Para isso, é essencial que a formação inicial e continuada ofereça não só conhecimentos sobre o desenvolvimento infantil, mas também ajude os educadores a refletirem sobre o papel de gênero no espaço escolar.

Atualmente, a formação ainda não atende completamente às necessidades dos professores homens, como revela a pesquisa aqui relatada. Embora as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, por exemplo, requeiram uma formação “bem estruturada”, nenhum documento fala sobre como apoiar os professores homens, especialmente na construção da identidade profissional nesse contexto de início da escolaridade básica. É importante que os cursos de formação abordem questões de gênero, incluindo o papel dos professores homens no cuidado das crianças e as possíveis dificuldades que eles enfrentam por causa dos estereótipo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para que os professores homens se sintam acolhidos na educação infantil, as escolas precisam ir além da contratação e criar um ambiente que realmente valorize a diversidade de gênero. Isso pode ser feito com programas de apoio, formações contínuas e a criação de espaços de diálogo sobre as questões de gênero. Como argumenta Falk (2011), a presença de homens nas escolas de educação infantil pode ser muito positiva, pois oferece às crianças um exemplo de que o cuidado não é exclusividade de um gênero, mas uma responsabilidade compartilhada.

No entanto, para que isso aconteça, é necessário que os professores homens se sintam seguros para desempenhar suas funções sem medo de discriminação ou rejeição. As escolas devem estar preparadas para lidar com qualquer tipo de discriminação, seja de pais ou colegas de trabalho, e oferecer apoio emocional aos educadores para que possam lidar com as pressões sociais que envolvem seu papel.

O debate sobre a presença de professores homens na educação infantil é complexo, mas também cheio de possibilidades. Para que a escola se torne um lugar mais inclusivo, é importante que todos os profissionais, independentemente do gênero, recebam uma formação adequada e se sintam acolhidos. Assim, é possível criar um ambiente mais plural e acolhedor, capaz de contribuir para a formação de crianças mais abertas às diferenças e mais preparadas para um mundo cada vez mais diverso.

Ao fazer isso, conseguimos desconstruir os estereótipos de gênero e mostrar que o cuidado e a educação das crianças independem do gênero. O gênero existe e se manifesta no próprio trabalho dos sujeitos que, por sua vez, apontam algumas características que diferenciam os professores das professoras (“ele é mais brincalhão, mais direto, impõe respeito, até medo... já as professoras são mais detalhistas no trato com o cuidado das crianças”).

Professores e professoras são diferentes no trato com as crianças pequenas, o que os torna semelhantes é a responsabilidade para com essas crianças, como aponta Falk (2011), ao dizer que a presença de homens nas escolas de educação infantil pode ser muito positiva, pois oferece às crianças um exemplo de que o cuidado não é exclusividade de um gênero, mas uma responsabilidade compartilhada.

Os relatos dos profissionais aqui entrevistados são reveladores das dificuldades e preconceitos que os professores homens vêm enfrentando ao realizar seu trabalho na educação infantil.

Nas escolas desses profissionais tem-se tentado apoiar os professores homens, principalmente no começo de sua carreira, quando enfrentam mais desafios. Algumas atitudes importantes têm sido tomadas para ajudá-los a se adaptar e a conquistar a confiança da comunidade escolar:

- **Apoio da direção e dos colegas:** professores homens destacam a importância do apoio da direção e dos colegas para enfrentar as dificuldades, como a comunicação com as crianças e com os pais;
- **Tempo de trabalho na escola:** quando o professor permanece por mais tempo na mesma escola, ele consegue criar uma relação mais forte com os pais e a equipe, o que ajuda a diminuir os preconceitos;
- **Acompanhamento de estagiários:** em atividades mais consideradas “delicadas”, como levar as crianças ao banheiro, os professores homens geralmente contam com a ajuda de estagiários e isso os tem ajudados a evitar desconfortos e a facilitar a adaptação.

Os professores homens dizem que o apoio da direção da escola e dos colegas é fundamental para lidar com situações específicas. Esse apoio é importante principalmente para que o professor se sinta mais à vontade e ganhe a confiança das famílias e dos alunos ao longo do tempo.

Embora não tenha sido identificado nenhum acompanhamento específico para tratar diretamente do preconceito de gênero, o tempo de trabalho na escola e a convivência com os demais profissionais da escola e com as famílias ajudam muito na adaptação.

A equipe escolar não está completamente preparada para lidar com discriminação de gênero de forma estruturada. Embora os professores e gestores saibam que os professores homens enfrentam certos preconceitos, não há uma preparação específica ou treinamentos voltados para identificar e enfrentar essas situações de discriminação. A maior parte do apoio é dado pelo tempo que o professor passa na escola e pela convivência com a equipe e os pais.

Os pais também reconhecem a importância de ter professores homens, mas ainda demonstram algumas preocupações, como a capacidade de cuidado dos homens em atividades mais íntimas, como ajudar as crianças no banheiro. Isso mostra que, embora aceitem a presença masculina, eles ainda não estão totalmente preparados para lidar com preconceitos ou estereótipos.

Embora existam algumas ações de apoio aos professores homens, como o suporte da direção e dos colegas, a escola ainda não tem um trabalho específico para enfrentar ou

identificar discriminação de gênero. O que tem ajudado bastante são as relações que os professores vão construindo ao longo do tempo, tanto com os alunos quanto com os pais e a equipe escolar. No entanto, seria importante a escola oferecer uma preparação mais focada para lidar com essas questões de gênero e criar um ambiente mais inclusivo para todos.

Assim, confirma-se a hipótese de que, o sentido que professores homens atribuem a si próprios como professores de crianças pequenas está ligado às relações que conseguem estabelecer em uma profissão socialmente definida como feminina. Ou seja, as formas de definir a docência masculina na educação infantil se constroem num processo contínuo de resistência e de acomodação às expectativas e normas da escola, dos pares, dos superiores, das famílias e dos próprios alunos, demarcando fronteiras entre professores.

REFERÊNCIAS

ABUCHAIM, Beatriz de Oliveira, **Panorama das políticas de educação infantil no Brasil** – Brasília : UNESCO, p. 115, 2018. Disponível em:
<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000261453/PDF/261453por.pdf.multi>. Acesso em: 08 jan. 2025.

AGGIO, Marina Toscano. **O olhar feminino sobre o futebol: das questões de gênero à reestruturação do habitus no interior da escola**. 2015. 140 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Processos de Ensino, Gestão e Inovação) – Universidade de Araraquara - UNIARA, Araraquara, 2015. Disponível em: <https://m.uniara.com.br/arquivos/file/ppg/processos-ensino-gestao-inovacao/producao-intelectual/dissertacoes/2015/marina-toscano-aggio.pdf>. Acesso em: 09 maio 2023.

ANPED. ANEI e Educação Infantil: entrevista com Gizele de Souza. Disponível em:
<https://legado.anped.org.br/news/anei-e-educacao-infantil-entrevista-com-gizele-de-souza-gt-07>. Acesso em: 15 out. 2024.

AGUIAR JUNIOR, Josué Durval. **Professores de bebês: elementos para compreensão da docência masculina na educação infantil**. 2017. 124 p. Dissertação (Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5680817#. Acesso em: 09 maio 2023.

BONIFACIO, Gabriel Hengstemberg. **A profissionalização do docente masculino da educação infantil**. 2119, 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade federal de São Carlos, Sorocaba. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8184145#. Acesso em: 28 mar.2024.

BRASIL. Avaliação Nacional da Educação Infantil (ANEI). Ciclo avaliativo bianual iniciado em 2017. Ministério da Educação, 2017. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=39671-avaliacoes-dentro-do-sinaeb-05052016-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação, 2017. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Censo Escolar da Educação Básica de 2013. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), 2013. Disponível em:
https://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2013.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 5 de outubro de 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília: Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, 2009. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_5_09.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Brasília: Ministério da Educação, 2009. Disponível em: https://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 15 out. 2024.

CARDOSO, Frederico Assis. Homens fora de lugar? A identidade de professores homens na docência com crianças. C.U. UMA. 2007- ANPED. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT23-3550--Int.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2024.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Trabalho docente e relações de gênero: algumas indagações**. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 1996, n.02, p.77-84. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n02/n02a07.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2025.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Vozes Masculinas numa Profissão Feminina**. *Revista Estudos Feministas*, 6(2), 406. 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12017/11303>. Acesso em: 08/01/2025.

COUTINHO, Rivanildo Monteiro. **O docente masculino de educação infantil na Amazônia: como se percebe e é percebido no espaço escolar de Oriximiná/Pa'** 28/03/2019 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=8838704#. Acesso em: 28 mar.2024.

DUARTE, Fabiana. **Professoras De Bebês: as dimensões educativas que constituem a especificidade da ação docente**. IN: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO, 12 p. UFSC, Florianópolis, 2012. Disponível em: https://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.57.57.28cafef3be1dcd956ea860e7

318ec7b.pdf. Acesso em: 30 mar. 2024.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos:** a experiência de Lóczy, organizadora; tradução de Suely Amaral Mello; [tradução Suely Amaral Mello, revisão da tradução Jaqueline Moll]. - 2.ed. - Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2011.

FARIA, Adriana Horta De. **Trajetórias Docentes:** memórias de professores homens que atuaram com crianças no interior de Mato Grosso do Sul (1962-2007). 2018. 112 p. Dissertação (Educação) - Universidade Federal Da Grande Dourados, Dourados, 2018. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6361437#. Acesso em: 09 maio 2023.

FÁVARO, Jessica Daniele. **Professores homens:** suas trajetórias na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação escolar) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2020. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_escolar/5277.pdf. Acesso em 28/03/2024.

GIOVANNI, Luciana Maria. **Análise documental nas pesquisas em educação.** (Texto elaborado para fins didáticos). Araraquara-SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar – FCL/UNESP, 1999 (Divulgação em meio digital).

GIOVANNI, Luciana Maria. Sobre procedimentos para organização e análise de dados. In: MARIN, A. J. et al. **Relatório Parcial de Pesquisa (Fapesp e CNPq): Desenvolvimento profissional docente e transformações na escola.** Araraquara: UNESP-FCLAr, 1998.

GIOVANNI, Luciana Maria. **Usos da entrevista e do questionário na Pesquisa Científica.** Roteiro-síntese organizado para uso didático. Araraquara-SP: 2009 (Divulgação em meio digital).

GONÇALVES, Josiane Peres; OLIVEIRA, Edicleia Lima de. Diversidade cultural e relações de gênero em uma escola indígena sul-mato-grossense. **Educação e Pesquisa.** São Paulo, v. 44, p. 1-19, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/W4bz7dfNGWqRLyKsp9brBXG/?lang=pt>. Acesso em: 09 maio 2023.

ILO. *Policy Guidelines on the Promotion of Decent Work for Early Childhood Education Personnel.* Geneva: *International Labour Organization*, 2014.

Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---ed_dialogue/---sector/documents/normativeinstrument/wcms_236528.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003. – Capítulo 4: O gênero na docência – p. 92-109. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.wordpress.com/wp-content/uploads/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2024.

LÜDKE, M, e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap3.pdf.

Acesso em: 15 out. 2024.

MENDONÇA, Michelle Mariano. **Impacto da presença de gestores e professores homens em centros de educação infantil:** alguns elementos para compreensão. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4536389#. Acesso em: 09 maio 2023.

PERRENOUD, Philippe. Para educar crianças pequenas, o bom senso não basta! **Pátio. Educação Infantil**. Genebra-Suíça: Universidade de Genebra, n° 2, agosto-novembro 2003, p. 18-20. Disponível em: https://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/perrenoud/php_main/php_2003/2003_28.html#copyright. Acesso em: 29 mar. 2024.

PORTILHO, Evelise Maria Labatut; MATTOS, Hilda Maria Zanetti Heller de; CRUZ, Juliana Boff Aramayo. O desafio de pesquisar a educação infantil: limites e possibilidades **Revista Diálogo Educacional**. Curitiba-Pr: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, vol. 11, núm. 32, janeiro-março, 2011, pp. 123-142 Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189118887008.pdf>. Acesso em: 30 mar.2024.

RABELO, Amanda. Debates sobre gênero na docência: o professor do sexo masculino nas séries iniciais do Rio de Janeiro-Brasil e Aveiro-Portugal. **Educar em Revista**. Curitiba-Pr: UFPr, n. 48, p. 207-234, abr./jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/Ms4kTjfNZzYbSDq9c79ySXq/?lang=pt>. Acesso em: 09 maio 2023.

RAMOS, Clemerson Elder Trindade. **Quem tem medo do lobo mau?** inquietações e medos sobre o trabalho do homem na educação infantil. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9785715#. Acesso em 28 mar. 2024.

SANTOS, Hugo Leonardo Marangoni de Oliveira. **Bendito entre as mulheres:** um estudo sobre a presença de professores homens na Educação Infantil. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Campinas-SP: Universidade Estadual de Campinas, 2020. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9986618#. Acesso em 28 mar. 2024.

SANTOS, Sandro Vinicius Sales dos. Homens na docência da educação infantil: uma análise baseada na perspectiva das crianças. **Revista Brasileira de Educação**. v. 26, p. 1-18, nov. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qrkR9PYWdVKHcLybqCVpc7D/?lang=pt#>. Acesso em: 09 maio 2023.

SILVA, Fabrício Augusto Correia da. **Relações de gênero e sexualidade:** a atuação dos educadores da Educação Infantil na reprodução (ou não) das práticas sexistas heteronormativas. 2019. 115 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Processos de Ensino, Gestão e Inovação) – Universidade de Araraquara - UNIARA, Araraquara, 2019. Disponível em: <https://m.uniara.com.br/arquivos/file/ppg/processos-ensino-gestao-inovacao/producao-intelectual/dissertacoes/2019/fabricio-augusto-correia-silva.pdf>. Acesso em: 09 maio 2023.

TEODORO, Luciano Goncalves. **O trabalho docente na educação infantil na perspectiva de professores homens de um município do interior paulista**. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro Universitário Moura Lacerda, - Ribeirão Preto-SP, 2015. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2458772#. Acesso em 28 mar. 03 2024.

VERGILI, Marilea Dos Santos Vieira. **O papel do homem e da mulher nas cantigas infantis**. 2016. 77 p. Dissertação (Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 2016. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4598085#. Acesso em: 09 maio 2023.

VICENTE, André Luiz Coutinho; MELLO, Miriam Morelli Lima de; MELLO, Alexandre Moraes de. Trabalho, formação docente e atuação masculina na educação infantil: é possível ultrapassar os marcadores de gênero? **Formação em Movimento**, v. 3, n. 7, p. 864-885, 2021. Disponível em: <https://costalima.ufrj.br/index.php/FORMOV/article/download/938/1143/>. Acesso em: 15 out. 2024.

VIEIRA, Livia Fraga e Oliveira, Tiago Grama. **As condições do trabalho docente na educação infantil no Brasil: alguns resultados de pesquisa (2002-2012)**, **Revista educação em questão** v. 1, n. 1 (jan./jun. 1987) – Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 1987. Descrição baseada em: v. 46, n. 32 (maio/ago. 2013). Disponível em: <http://www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/pdfs/v46n32.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Roteiro para análise de documentos

1. Identificação do documento:

1.1 Título:

1.2 Data:

1.3 Órgão responsável pela elaboração:

1.4 Quem assina o documento:

1.5 Contexto de origem:

1.6 Destinação:

1.7 Assunto:

2. Estrutura do documento:

(Fazer uma descrição esquemática do documento).

3. Principais ideias e orientações contidas no documento, referentes a:

3.1 Docência na educação infantil;

3.2 Perfil do/a profissional para a docência na educação infantil;

3.3 Critérios para seleção e recrutamento específico para educação infantil;

3.4 Formação continuada para professores/as na educação infantil;

3.5 Apoios aos professores homens na educação infantil;

3.6 Professores homens / docência masculina na educação infantil.

APÊNDICE B: Roteiro para entrevista com professores homens que atuam na educação infantil

Vida pessoal

1-) Fale um pouquinho de você para mim.

- 1.1- É casado?
- 1.2- Tem filhos?
- 1.3- Mora perto da escola?
- 1.4- Como organiza sua rotina? Descreva um dia típico seu.

2-) Fale um pouco sobre sua vida fora da escola, como desfruta do seu tempo livre?

- 2.1- Com leituras? Quais?
- 2.2- Vai ao cinema? Quais filmes? (os mais recentes)
- 2.3- Assiste TV? O que assiste?
- 2.4- Faz outras atividades?
- 2.5- Atividades físicas?

Formação e Trajetória Profissional

3) Fale um pouco da sua formação e cursos que já fez.

4) Descreva sua experiência profissional até aqui.

Vamos falar da sua vida profissional atual

5. Quais foram as principais motivações que te levaram a escolher a docência na educação infantil?

6. Você encontrou algum desafio específico relacionado ao fato de ser homem na educação infantil? Como você lidou com esses desafios?

7. Como você vê a representatividade masculina na educação infantil? Acredita que há preconceitos ou estereótipos que precisam ser enfrentados?

8. Você recebeu algum tipo de apoio ou incentivo da escola ou da Secretaria Municipal de Educação para atuar como professor na educação infantil? Se sim, de que forma?

9. Como as famílias dos seus alunos reagem à sua presença como professor homem na educação infantil? Você percebe alguma diferença no comportamento delas em relação às professoras mulheres?

10. Você acredita que a formação inicial e continuada oferecida para professores na educação infantil atende às necessidades específicas dos professores homens? Por quê?

APÊNDICE C: Roteiro para entrevista com professoras que atuam na educação infantil

Data:

Horário:

Olá

Estou aqui como alguém que quer ouvir o que você pensa sobre *a presença de professores homens na educação infantil* e não para fazer julgamentos.

Não é preciso nem dizer que tudo o que for dito aqui será mantido em sigilo. O gravador está aqui para que eu possa ter um registro fiel do que nós conversamos e até para que eu não fique anotando e interrompendo nossa conversa a todo instante.

Tudo bem, para você?

Tem alguma coisa que gostaria de saber?

Podemos começar?

Nome fictício / ou número do entrevistado:

Vida pessoal

1-) Fale um pouquinho de você para mim.

1.1- É casada?

1.2- Tem filhos?

1.3- Mora perto da escola?

1.4- Como organiza sua rotina? Descreva um dia típico seu.

2-) Fale um pouco sobre sua vida fora da escola, como desfruta do seu tempo livre?

2.1- Com leituras? Quais?

2.2- Vai ao cinema? Quais filmes? (os mais recentes)

2.3- Assiste TV? O que assiste?

2.4- Faz outras atividades?

2.5- Atividades físicas?

Formação e Trajetória Profissional

3) Fale um pouco da sua formação e cursos que já fez.

4) Descreva sua experiência profissional até aqui / tempo de experiência.

Agora vamos falar da sua vida profissional atual e de nosso tema

5. Qual é a sua percepção sobre a presença de professores homens na educação infantil? Você acredita que essa presença impacta de alguma forma o ambiente escolar?

6. Você observa alguma diferença no tratamento ou nas expectativas em relação aos professores homens na educação infantil, por parte das famílias?

7. Você percebe alguma diferença no tratamento ou nas expectativas em relação aos professores homens na educação infantil, por parte da administração escolar?

8. Como você vê a representatividade masculina na educação infantil? Quais benefícios ou desafios você enxerga com a inclusão de homens nessa área?

9. Na sua experiência, como as famílias dos alunos reagem à presença de professores homens na educação infantil? Há diferenças em comparação às professoras mulheres?

10. E as crianças? Elas gostam dos professores homens?

11. Você acredita que a formação inicial e continuada oferecida para professores na educação infantil atende às necessidades específicas dos professores homens? Por quê?

APÊNDICE D: Roteiro para entrevista com profissionais gestores de escola de educação infantil

Data:

Horário:

Olá

Estou aqui como alguém que quer ouvir o que você pensa sobre *a presença de professores homens na educação infantil* e não para fazer julgamentos.

Não é preciso nem dizer que tudo o que for dito aqui será mantido em sigilo. O gravador está aqui para que eu possa ter um registro fiel do que nós conversamos e até para que eu não fique anotando e interrompendo nossa conversa a todo instante.

Tudo bem, para você?

Tem alguma coisa que gostaria de saber?

Podemos começar?

Nome fictício / ou número do entrevistado:

Vida pessoal

1-) Fale um pouquinho de você para mim.

1.1- É casado?

1.2- Tem filhos?

1.3- Mora perto da escola?

1.4- Como organiza sua rotina? Descreva um dia típico seu.

2-) Fale um pouco sobre sua vida fora da escola, como desfruta do seu tempo livre?

2.1- Com leituras? Quais?

2.2- Vai ao cinema? Quais filmes? (os mais recentes)

2.3- Assiste TV? O que assiste?

2.4- Faz outras atividades?

2.5- Atividades físicas?

Formação e Trajetória Profissional

3) Fale um pouco da sua formação e cursos que já fez.

4) Descreva sua experiência profissional até aqui.

Agora vamos falar da sua vida profissional atual e de nosso tema

5. Quais são os critérios e processos utilizados pela escola e pela Secretaria Municipal de Educação para a seleção e recrutamento de professores na educação infantil, especialmente no que diz respeito aos professores homens?

6. Você sabe se os documentos oficiais da escola e da Secretaria Municipal de Educação mencionam diretrizes específicas sobre a presença de professores homens na educação infantil? Se sim, quais são essas diretrizes?

7. Que tipo de apoio ou iniciativas a escola oferece para os professores homens que atuam na educação infantil? Existem programas ou ações específicas voltadas para eles? Quais?

8. Como a escola aborda a formação continuada dos professores/as da educação infantil? Existem programas que abordem as necessidades específicas dos professores homens?

9. Como a equipe gestora percebe a reação das famílias e da comunidade escolar em relação à presença de professores homens na educação infantil? Quais são os principais feedbacks recebidos?

10. E as crianças? Elas gostam de professores homens?

APÊNDICE E: Roteiro para entrevista com pais de alunos ou responsáveis de alunos de educação infantil

Data:

Horário:

Olá

Estou aqui como alguém que quer ouvir o que você pensa sobre *a presença de professores homens na educação infantil* e não para fazer julgamentos.

Não é preciso nem dizer que tudo o que for dito aqui será mantido em sigilo. O gravador está aqui para que eu possa ter um registro fiel do que nós conversamos e até para que eu não fique anotando e interrompendo nossa conversa a todo instante.

Tudo bem, para você?

Tem alguma coisa que gostaria de saber?

Podemos começar?

Nome fictício / ou número do entrevistado:

Vida pessoal

1-) Fale um pouquinho de você para mim.

1.1- Como é a sua vida em família?

1.2- Quantos filhos tem?

1.3- Mora perto da escola?

1.4- Como vocês organizam a rotina diária? Descreva um dia típico.

2-) Fale um pouco sobre a vida de vocês no tempo livre?

2.1- Fazem leituras? Quais?

2.2- Vão ao cinema? Quais filmes? (os mais recentes)

2.3- Assistem TV? O que assistem?

2.4- Fazem outras atividades? Passeios?

2.5- Atividades físicas?

Escolaridade e profissão

3) Fale um pouco da sua escolaridade e cursos que fez.

4) Qual a sua profissão?

Agora vamos falar do nosso tema:

5. Como mãe/pai de aluno(a), como você percebe a presença de professores homens na educação infantil? O que pensa sobre a presença deles no ambiente escolar?

6. Você percebe alguma diferença no modo de ensinar entre professores homens e mulheres na educação infantil? Se sim, poderia descrever?

7. Você vê benefícios na presença de professores homens na educação infantil para seus filhos e para a escola como um todo?

8. Tem alguma preocupação em relação a isso?

9. Você acha que a presença de professores homens influencia de alguma forma o comportamento das crianças? Como?

10. Seus filhos gostam dos professores homens?